Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: 285
Mês: Novembro
Ano: 2022
Preço: R$ 5,00

Ruy Castro imortal

Um dos principais biógrafos do país, Ruy Castro é o mais recente imortal eleito para a Academia Brasileira de Letras. Aos 74 anos, o premiado escritor e jornalista, que recebeu da Instituição, no ano passado, o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra, irá ocupar a cadeira número 13, que era do ex-ministro da Cultura Sérgio Paulo Rouanet, falecido em julho, aos 88 anos, vítima de uma síndrome de Parkinson avançada. *(Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)*

Foto: Chico Cerchiaro

JL digital
ACESSE:
www.
jornaldeletras.
com.br

Editorial

Foi muito feliz a equipe que dirige a concessão do Prêmio Nobel ao escolher uma escritora (Annie Ernaux), este ano. Além de uma excelente profissional, ela valoriza as questões de gênero, o que é sempre muito importante. Além de focalizar esse assunto, este número destaca igualmente a grande vitória de Ruy Castro na última eleição da Academia Brasileira de Letras. Dos 35 eleitores da ABL, o escritor mineiro (de Caratinga) obteve 32 votos, o que representa, na verdade, uma consagração. Assim, a ABL renova os seus quadros e entra com sangue novo nas atividades do próximo ano. Há grandes projetos na cabeça do seu presidente, Merval Pereira, o que é de grande relevo para a cultura brasileira.

O Editor.

O presidente da Fundação Biblioteca Nacional – Doutor Luiz Carlos Ramiro Júnior, outorgou, aos acadêmicos Deonísio da Silva, da Academia Brasileira de Filologia e José Carlos Gentili, da Academia de Letras de Brasília, a condecoração: Medalha da Ordem do Mérito do Livro por contribuição à Cultura Nacional, no Rio de Janeiro. O evento contou com a presença do Doutor Gregory Gentili, professor Deonísio da Silva, imortal Carlos Nejar, da ABL, do presidente da FBN Doutor Luiz Carlos Ramiro Junior e do escritor José Carlos Gentili, membro da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Internacional da Cultura Portuguesa (AICL).

Expediente

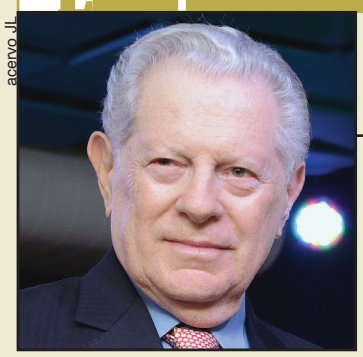
Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O Jornal de Letras é uma publicação mensal do Instituto Antares de Cultura / Edições Consultor.

Opinião

Arnaldo Niskier



acervo JL

Ruy Castro e a imortalidade

Logo que fui contratado pelo Adolpho Bloch, em janeiro de 1960, para ser chefe de reportagem da revista *Manchete*, no lugar de Darwin Brandão, preocupei-me com o quadro de repórteres com que passaria a contar, para ajudar Justino Martins no comando da publicação. Ele era um excelente profissional, mas, recém-chegado de Paris, tinha a cabeça quase inteiramente voltada para os assuntos da capital francesa. A minha primeira e fundamental obrigação foi "nacionalizar" os temas – e para isso precisava de bons repórteres. Três deles eram fora de série: Ruy Castro, Ney Bianchi de Almeida e Fernando Pinto, que já estavam engajados na empresa da rua Frei Caneca, 511.

Tínhamos a obrigação de lutar para alcançar a revista *O Cruzeiro*, líder absoluta que na época tinha incríveis 500 mil exemplares de tiragem.

Por sorte minha, eles se davam às maravilhas com o Justino, o que facilitava as coisas. Na verdade, a preocupação do Justino era o acabamento da revista, uma atividade praticamente cinematográfica, tomando como exemplo os modelos do *Paris Match* e *Jours* de França, na época as principais publicações francesas. Se quisermos estender um pouco mais o estilo Justino, podemos citar ainda as revistas *Look* e *Life*, que ele também gostava de compulsar semanalmente. Era com essas quatro revistas que o JM criava o seu modelo de trabalho, naturalmente dependendo das matérias que o setor de reportagem colocava em suas mãos, de preferência com belas fotos em cor e PB.

Dispúnhamos de um quadro verdadeiramente espetacular de repórteres fotográficos, o que garantia matérias de qualidade já então com o uso dos ektachromes (fotos coloridas). Lembro de alguns nomes: Nicolau Drei, Gervásio Baptista, Gil Pinheiro, Jankiel Gonczarowska, Antônio Trindade e os craques de São Paulo (alguns até premiados). Na equipe de repórteres, logo tivemos o reforço do Salomão Schvartzman, que saiu de *O Globo* para enriquecer o time de São Paulo.

Nessa fase, já existia muita admiração pelo trabalho do Ruy Castro. Ele depois se tornaria um mestre da biografia, pesquisando a vida e a obra de Nelson Rodrigues (nosso colega da Manchete Esportiva), Carmen Miranda, Garrincha (com quem eu tinha estado nos preparativos da Copa de 58 na Suécia) e acompanhado a bossa nova e os modernos artistas dos anos 1920.

Ruy começou como repórter, no início da década de 1990 e depois passou pelos grandes veículos da imprensa do Rio e de São Paulo. Até hoje é cronista da *Folha de São Paulo*. A partir de 1990, dedicou-se às biografias de Carmen Miranda, Garrincha e Nelson Rodrigues (a seu convite estive em São Paulo para falar sobre o autor de *O anjo pornográfico*). Publicou também os romances *Bilac Vê Estrelas* (2000), *Era no Tempo do Rei* (2007) e *Os perigos do Imperador* (2022). Em consequência desse trabalho, ganhou o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras (pelo conjunto das suas obras).

Dessa forma, firmei uma sólida amizade com o Ruy e, quando precisou de algumas informações de "cocheira", sobre o comportamento dessa gente, fui um bom informante dos trabalhos do repórter.

Lembro que como tinha estado com Garrincha nos treinamentos de Poços de Caldas e Araxá, com fotos que demonstravam isso, tive que abastecer o Ruy Castro de informações sobre os hábitos de bebida do nosso genial ponteiro direito. Amenizando as notícias de que o jogador do Botafogo era um beberrão contumaz. Como ele poderia ser o craque que demonstrou ser se dizia que ele vivia bêbado? Não era verdade. Fui testemunha e ajudei a salvar a reputação do marido da Elza Soares.

"A raiva é um ladrão que rouba os bons momentos."

Joan Lunden

Em busca de uma terra para chamar de sua – Parte I

Por Antônio Torres*

Andavam para o Sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes (...). Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. E o sertão continuaria a mandar gente para lá.

Graciliano Ramos – Vidas Secas

O tema central deste ciclo que aqui se inicia – *Vozes do Nordeste* – puxa memórias, pede leituras e releituras, leva as amigas e os amigos ouvintes a ponteios de viola, rasgar de sanfona, sopros de pífanos, zabumba, xaxados, xotes, maracatus, baiões, forrós, cantigas de roda; folguedos juninos em volta das fogueiras de Santo Antônio, São João, São Pedro; toadas, valsas, sambas-canções, boleros que *usted jamás olvidará*; missas cantadas – *Introibo ad altare Dei-ei/ ad Deum que leatificat juventutem meam*; novenas; procissões – esganiçadas, desentoadas, desesperadas –, clamando aos céus para mandar chuva, Senhor Deus, misericórdia; ladainhas – *Kyrie Eleison/ Christe Eleison*; responsos; cantigas de roda, cantigas de ninar – *boi, boi, boi da cara preta, pega esse menino, que tem medo de careta*; cantigas de sentinelas: os ritos mortuários chamados de incelênças – *Uma incelença, entrou no paraíso/ adeus, irmãos, adeus, até o dia de juízo*; romances – *A história do Pavão Misterioso/ A chegada de Lampião ao Inferno* – cantados ao pé de um fogão de lenha para espantar o medo de noites povoadas de zumbis e gralhas mal-assombradas; um cego violeiro – *é um dedo, é um dado, é um dia/ é um dia, é um dado, é um dedo*; a buzina do primeiro caminhão a roncar em remotas paragens tocando um bendito, para acalmar o medo do visitante desconhecido, que afinal era um transportador de buquês de melodias, a ir ao ar pelo Serviço de Alto Falante a Voz do Sertão, que foi logo dizendo a que chegava:

Para a menina de azul e branco, que nesse momento está passando pela calçada da igreja, alguém, com muito amor e carinho, dedica-lhe esta linda página musical do nosso cancioneiro popular, na voz do cantor das multidões...

(Música: Orlando Silva/ Rosa).

"Tu és,
Divina e graciosa,
Estátua majestosa
Do amor
Por Deus esculturada
E formada com o ardor
Da alma da mais linda flor
De mais ativo olor
Que na vida é preferida pelo beija-flor"...

Aí as meninas, recém-saídas do banho, metidas em suas cambraias engomadas, rescendendo a sabonete Eucalol, corriam para as janelas, cada uma achando que era para ela que o cantor das multidões cantava. Era um mundo de sonhos que ali chegava pela voz orgulho do Brasil, a que dispensava adjetivos, o rei da voz, o rei do baião, o sapoti do rádio brasileiro, a rainha da voz, a patativa do Norte – uma voz macia a encher os ares de suave langor, quando, ao cair da tarde tristonha e serena, o sino murmurava badaladas da ave-maria – tangendo com mágoa dorida, a recordação de sonhos da aurora da vida etc. Todas as vozes do país vindas de um só lugar: a capital federal. *Rio de Janeiro, ô/ Rio de Janeiro, ah/ Rio de Janeiro, terra boa de morá...*

Passemos agora às vozes que enchem uma praça quieta com as divinas promessas da esperança, vindas pela janela de uma escola risonha e franca, na qual crianças leem em voz alta que nunca verão um país como este – o país dos nordestinos: *Verdes mares bravios da minha terra natal, onde canta a jandaia, na fronde da carnaúba.* Imaginemos o efeito disso em corações e mentes juvenis de um lugar onde nem rio havia. E o que era a jandaia? E a carnaúba?

Estamos falando de uma fauna e flora que não se reduziam aos carcarás e mandacarus, que quando *fuloravam* nas secas era sinal de que a chuva ia chegar. Sim, estamos falando de um território de quase 2 milhões de quilômetros quadrados, que lá em riba se embrenha pela floresta amazônica e cá embaixo toca no Espírito Santo, com biomas que abrangem a caatinga, a Mata Atlântica e faixas do cerrado. E é exatamente pelas suas diferentes características físicas que essa vasta região é dividida em quatro sub-regiões: meio-norte, sertão, agreste e zona da mata. De onde se originavam dois subtipos humanos (o *paraíba*, para o Rio de Janeiro, e o *baiano*, para São Paulo), ambos a compor um tipo único, o *pau-de-arara*, termo que originalmente designava uma vara utilizada no interior do Brasil para o transporte de araras, papagaios e outros pássaros, e que passou a designar o caminhão muito utilizado durante o êxodo de nordestinos para o Sul do país, ganhando também entre os sulistas a acepção dos passageiros destes veículos – e de todo nordestino. Ouçamos quem falou por ele, o *pau-de-arara*.

(Música: O pau-de-arara/ Luiz Gonzaga).

Sim, é nordestina (de Exu, Pernambuco), a primeira voz a cantar, tão forte quanto encantadoramente, comovedoramente, os sonhos, as dores, ilusões e desilusões dos paus-de-arara – para multidões de todo o território nacional, e para todas as classes sociais, com suas sínteses dos dramas que tantos escritores do Nordeste já vinham descrevendo em seus romances.

(Música: Asa Branca – por Baden Powell).

E era da primeira fábrica brasileira de veículos, a Fábrica Nacional de Motores, sediada em Xerém, logo ali em Duque de Caxias, o caminhão que passou a ser chamado de pau-de-arara, cuja marca, FNM, de Fábrica Nacional de Motores (no popular: *Fênêmê*), na boca do povo de cá virou Fome no Norte é Mato. Bota estigma nisso!

Mas, porém, contudo, todavia, no entanto...

"Há uma miséria maior do que morrer de fome num deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã."

Talvez essa frase tenha se tornado mais célebre do que o seu autor e o livro de onde ela foi tirada, um marco do ciclo nordestino da década de 1930.

Trata-se de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, o paraibano que, nesta Academia, ocupou a cadeira número 1, hoje ocupada pela mui querida Ana Maria Machado, e que Jorge Amado considerava – a ele, Zé Américo –, o pai de todos nós, os escritores nordestinos.

Publicado em 1928, *A Bagaceira* baseia-se no êxodo provocado por uma seca ocorrida no ano de 1898, e revelou um Nordeste já com os primeiros sinais de modernização em confronto com os usos e abusos dos senhores de engenho e dos políticos, enquanto a sua população, assolada pela seca, lutava pela vida.

Romance de denúncia social, como de resto todo o ciclo que a ele se seguiria, *A Bagaceira* viria a ficar um tanto para trás na fila dos que o sucederam.

Mesmo assim, ainda se lê em avaliações recentes que não se pode negar o quanto ele diz sobre um Brasil cujo interesse do poder tem sido o do usufruto – e de geração em geração.

Mas inegável mesmo foi o poder de fogo da tropa de choque nordestina que seguiu a picada aberta por José Américo de Almeida.

Sigamo-la:

"Chegou a desolação da primeira fome. Vinha seca e trágica, surgindo no fundo sujo dos sacos vazios, na descarnada nudez das latas raspadas.

– Mãezinha, cadê a janta?

– Cala a boca, menino! Já vem!

– Vem lá o quê!..."

---

*Antônio Torres é membro efetivo da Academia Brasileira de Letras (Palestra do 7º Ciclo de Conferências da ABL, Em busca de uma terra para chamar de sua, do acadêmico Antônio Torres será editado em duas partes no Jornal de Letras).

JL Breves

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

◉ Depois de dois anos realizada virtualmente, a cerimônia de entrega da 64ª edição do Prêmio Jabuti, este ano, volta ao formato presencial. O evento, que vai revelar os vencedores das 20 categorias e o ganhador do *Livro do Ano*, acontece no dia 24 de novembro, às 20h, e trocou o Auditório do Ibirapuera pelo Theatro Municipal de São Paulo.

◉ Além de liderar a categoria de não ficção da *Lista Nielsen PublishNews* com *Escravidão – Volume 3* (Globo Livros), Laurentino Gomes tem os outros títulos de sua trilogia sobre a escravidão no Brasil na lista que apura autores nacionais mais vendidos.

◉ Em edição revista e ampliada, Luiz Felipe Carneiro conta na obra *Rock in Rio: A história* (Globo Livros), segredos de bastidores e curiosidades das oito edições brasileiras do evento.

◉ Em *As Boas Coisas da Vida*, obra publicada pela Ed. Seoman, Hunter Biden, filho do atual presidente dos EUA Joe Biden, fala sobre perdas familiares, superação e vitória contra drogas e álcool.

◉ A psicanalista best-seller Elisama Santos, autora de *Educação Não Violenta*, lançou *Mesmo Rio* (Ed. Record), romance sobre uma mãe que impacta de formas diferentes a vida de seus três filhos.

◉ O humorista e comunicador André Marinho lançou seu primeiro livro *O Brasil (não) É uma Piada*, pela Editora Intrínseca.

◉ Depois do elogiado livro de contos *Sol na Cabeça*, editado pela Companhia das Letras em 2018, o autor carioca Geovani Martins lançou *Via Ápia*, retratando, mais uma vez, tipos que ele extrai de comunidades do Rio.

◉ A Harper Collins lançou um dos discursos mais importantes da história da humanidade, pela primeira vez, em edição de luxo bilíngue. *Eu Tenho um Sonho* é um tributo ao líder Marthin Luther King Jr. e a sua contribuição que continua a inspirar as novas gerações a lutarem por justiça e igualdade.

◉ Em novo livro com personagens majoritariamente femininas, Marilene Felinto apresenta um choque de gerações nos dez textos de *Mulher Feita e Outros Contos* (Fósforo).

◉ Na inédita coletânea *Melhores Crônicas*, a Editora Global reúne crônicas de José Lins do Rego (1901-1957), um dos mais versáteis escritores da primeira metade do século XX.

◉ A partir de uma vasta pesquisa em fontes históricas diversas, Rafael Freitas da Silva reconstitui a vida de *Arariboia* (Bazar do Tempo) em uma biografia que apresenta a trajetória deste que é o principal líder indígena do século XVI.

◉ A improvável história de um menino prodígio, nascido no Sertão paraibano, que reverteu um futuro incerto através da arte para se tornar um dos principais pintores do século 19, é apresentada em *Além do Ipiranga – A extraordinária vida de Pedro Américo e suas incríveis facetas* (Cepe-PB), escrita pelo advogado Thélio Queiroz Farias.

◉ *Mil Anos de Mangá* (Estação Liberdade), da nipo-francesa Brigitte Koyama-Richard, como o próprio nome diz, conta a história do mangá, ou das histórias em quadrinhos, percorrendo séculos de arte japonesa até chegar ao cenário de hoje.

◉ A CCXP, gigantesca feira *geek* paulistana, este ano volta ao formato presencial, de 1º a 04 de dezembro, no São Paulo Expo. Definida como o maior festival de cultura pop do mundo, a CCXP espera receber mais de 300 mil pessoas durante os quatro dias do evento.

◉ O livro *Literarte – Uma livraria fora da ordem na Ditadura Militar* (Ed. Noir), de Gonçalo Jr., apresenta um retrato intenso da livraria que se tornou um símbolo de resistência e coragem para enfrentar a Ditadura.

◉ *Correio Amoroso: 20 cartas sobre paixões, encontros e despedidas* (Oficina Raquel), organizado por Henrique Rodrigues, reúne 20 autores convidados, entre eles João Anzanello Carrascoza, Natalia Borges Polesso e Edney Silvestre.

◉ Thomas Piketty, economista que aprofundou o debate sobre a concentração de renda, voltou *às* livrarias com *Uma Breve História da Igualdade* (Intríseca), no qual mostra o percurso da humanidade na marcha rumo à igualdade.

◉ *Fooquedeu (Um diário)* é o título do instigante diário lançado por Nuno Ramos pela Editora Todavia. Esses "rascunhos", como o autor os chama, ao longo de 205 páginas, gravitam em torno da experiência brasileira.

◉ Com base em pesquisa e experiências clínicas, Ana Beatriz Barbosa Silva argumenta, em *Felicidade: Ciência e prática para uma vida feliz* (Ed. Principium), que as pessoas deveriam desmistificar a ideia de que os seres humanos são felizes o tempo todo.

◉ Revirando variados acervos e entrevistando pesquisadores, Arthur de Faria apresenta *Porto Alegre: Uma biografia musical – Vol. 1* (Ed. Arquipélago).

◉ Em *Um Álbum para Lady Laet* (Ed. Alfaguara), o pernambucano José Luiz Passos, considerado um dos mais inovadores do país, criou a biografia de uma cantora famosa que caiu no ostracismo.

◉ Inspirada nas jogadoras da seleção brasileira de futebol, Renata Amoedo lançou o infantojuvenil *Coisa de Menino?*, pela Editora Ubook.

◉ Tendo como pano de fundo fatos políticos do país, desde a era Vargas, *Bianca Natividade* (Ed. Circuito), de Maria Dolores Wanderley, narra a história de uma jovem complexa.

◉ Mistura de livro com HQ, *As Aventuras de Mike 3*, criada por Gabriel Dearo e Manu Digilio, publicada pelo selo Outro Planeta, estreou no topo da apuração dos autores brasileiros mais vendidos em livrarias, supermercados e lojas de autoatendimento.

◉ Da autora estreante Sarah Penner, *A Pequena Loja de Venenos* (HarperCollins, com tradução de Isabella Pacheco) é um best-seller internacional que conquistou o público com suas protagonistas fortes e inteligentes.

◉ A Bienal do Livro Bahia recebeu um investimento de mais de R$ 5 milhões. A expectativa é de que 80 mil pessoas circulem pela área de exposição, entre os dias 10 e 15 deste mês, no Centro de Convenções de Salvador.

◉ A Feira Miolo(s), integrante do Circuito Cepe de Cultura, realizado pela Companhia Editora de Pernambuco (Cepe), ocorre de 24 a 27 de novembro, no Mercado Eufrásio Barbosa, no Varadouro, em Olinda (PE).

◉ *Travessia*, sexto livro de Celi Luz, saiu com o selo da Editora Batel.

◉ A nova obra de Michael Wood, *História da China* (Ed. Planeta), com 800 páginas, é o relato de uma tradição de quatro mil anos, trazendo à tona mistérios que vão desde a Grande Muralha da China à Cidade Proibida.

JL Humor

por Jonas Rabinovitch jonasrabinovitch@gmail.com

MACHADO DE ASSIS ENCONTRA OS PUNKS!

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

O Brasil é um país turístico e inúmeras línguas convivem com a nossa língua portuguesa nas mais variadas regiões. Muito justo que façamos o possível para entender os estrangeiros que aqui chegam, mas fazemos um apelo: **não nos esqueçamos da língua pátria**, tão linda, entretanto tão maltratada por tantos...

Diariamente

"Heloísa não come macarrão no seu dia-a-dia."

Dessa maneira, vai acabar com inanição.

Veja: conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, não se emprega mais hífen na expressão **dia a dia** (locução substantiva).

Frase correta: "Heloísa não come macarrão no seu **dia a dia**."

Os porquês

Por que o povo fica nervoso na hora do jogo? **Porque** os brasileiros amam o futebol.

Por que usar o **porquê** é tão complicado?

Não há complicações. Basta entender:

Por que (separado e sem acento) é para frases interrogativas diretas ou indiretas – **Por que** acreditamos ganhar a Copa do Mundo?

Por quê (separado e com acento) só é usado no final das frases interrogativas – Acreditamos ganhar a Copa do Mundo, **por quê**?

Porque (junto e sem acento) deve ser usado nas respostas – **Porque** os brasileiros merecem essa alegria.

Porquê (junto e com acento) é usado quando for substantivo – Todos sabem o **porquê** do amor que os brasileiros têm pelo futebol.

Será que ela não gosta de futebol?

"A sobrinha disse ao tio: não quero lhe falar sobre o que acho de Copa do Mundo."

Duvido que o tio vá querer falar com ela.

Cuidado! Apesar de muito popularizada esta construção está errada.

Nas locuções verbais em que o verbo principal estiver no **infinitivo** (falar) ou no **gerúndio** (falando) precedido de **partícula atrativa** (não), o **pronome** (lhe) deve ser colocado antes do **verbo auxiliar** (quero) ou depois do verbo principal, mas jamais entre ambos.

O correto é: ... "**não lhe** quero falar sobre o que acho de Copa do Mundo ou não quero **falar-lhe** sobre o que acho de Copa do Mundo."

Pomada errada

"Após ser contundido, o jogador foi atendido pelo médico, que lhe indicou uma pomada para uso esterno."

Certamente não foi bom o resultado, não curando a contusão do rapaz.

Observe: **externo** – do lado de fora, exterior.

Esterno – osso dianteiro do peito.

Período correto: "Após ser contundido, o jogador foi atendido pelo médico, que lhe indicou uma pomada para uso **externo**."

Engano

"O menino pediu ao pai que o levasse para conhecer a sala de troféis do seu clube."

Que tristeza! Ninguém pode falar assim. O plural de troféu é **troféus**.

Período correto: "O menino pediu ao pai que o levasse a sala de **troféus** do seu clube."

Satisfação

"O senhor se disse satisfeito com o país-sede da Copa, com os jogadores já definidos, com os estádios e etc."

Não é bem assim! Não há necessidade de escrever "e etc.".

Etc é a abreviatura da expressão latina *et coetera*, que quer dizer: **e outras coisas**. Logo, o "e" torna-se desnecessário. Basta escrever e dizer **etc**.

Recomenda-se **não usar vírgula** antes do etc .

Período correto: "O senhor se disse satisfeito com o país-sede da Copa, com os jogadores já definidos, com os estádios **etc**.

Incerteza

"Nosso futuro na Copa é inserto."

Assim, não chegará a lugar algum! A palavra **inserto** está empregada indevidamente.

Veja:

Inserto – que foi inserido; incluído ou introduzido. Também é o nome de peças que se inserem em outras, na área da mecânica.

Incerto – duvidoso; impreciso; variável; desconhecido.

Frase correta: "Nosso futuro na Copa é **incerto**."

Prêmo Nobel de Literatura

Por José Carlos Gentili*

Escritora Annie Ernaux. (Foto da © Reuters. Annie Ernaux ganha Prêmio Nobel de Literatura de 2022 6/10/2022 Francesca Mantovani-editions Gallimard/Divulgação, via Reuters)

Em 2008, o Prêmio Nobel de Literatura foi concedido a um francês – Jean-Marie Gustave Le Clézio, romancista, ensaísta, escritor de livros infantis, autor de mais de 40 obras, entre elas: *Deserto*, *Estrela Errante*, *O Processo de Adão Pollo*, *Índio Branco*, *O Caçador de Tesouros*, *Diego e Frida*, *A Febre*.

Outros franceses já foram agraciados: Sully Prudhomme, Romain Rolland, Anatole France, Henry Bergson, Roger Martin Du Gard, André Gide, François Mauriac, Albert Camus, Saint John Perse, Jean Paul Sartre, Claude Simon, Gao Xing Jian (chinês naturalizado), conforme nos orienta o saudoso boletim Píndaro, da Academia de Letras de Brasília.

À época, recebeu a quantia de 1,2 milhão de euros, cerca de 10 milhões de coroas suecas.

Hoje, 2022, os franceses voltam a ganhar esse milionário galardão, com a escolha da octogenária escritora Annie Ernaux, conforme anúncio de Anders Olsson – *the committee´s chair* –, da Svenska Akademien, que afirmou que "sua obra explora a experiência de uma vida marcada por grandes disparates, observando gênero, linguagem e classe".

A Academia de Letras de Brasília, que mantém vínculos com algumas academias europeias e é a mais importante Casa de Cultura da Capital da Esperança, tem indicado, anualmente, nomes de notáveis escritores brasileiros, mantendo o mais absoluto sigilo da nominação, condição *sine qua non*, a reger o universo concessivo desse galardão.

A nossa indicação brasileira guarda rigidamente o regramento imposto pela Svenska Akademien ao indicar um nome de candidato à premiação, o que aconteceu esse ano de 2022, quando eleita foi a literata francesa, como poderia ser um escritor do Brasil, também.

Eis os dezoito integrantes da Svenska Akademien.

Há anos, a Academia Brasileira de Filosofia, comandada pelo saudoso amigo João Ricardo Moderno, indicou publicamente o poeta Carlos Nejar, oportunidade na qual a Academia de Letras de Brasília manteve integral apoio em várias visitas pessoais em Estocolmo, sempre a receber o prestígio da diplomacia brasileira na Suécia, via os excepcionais diplomatas Marcos Vinícius Pinta Gama e Leda Lúcia Camargo.

Os anos se sucedem e nenhum escritor brasileiro é laureado, restando-nos aplaudir o lusitano José Saramago (1998), único e merecido vitorioso na Língua de Camões.

Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.) já enunciava – Água mole cava a pedra, (*gutta cavat lapidem*), dando origem ao provérbio: "Água mole em pedra dura tanto bate até que fura."

*José Carlos Gentili é membro da Academia de Letras de Brasília e da Academia das Ciências de Lisboa.

Voejam insetos

Por José Eduardo Coelho

Sem porteiras e pedágios; no espaço; em grandes quantidades; coloridas, brilhantes, vivas, em estilo “heliconae”, ziguezagueando para todos os lugares, sem direcionamento fixo. Mas voltam, sim!

E as pálpebras dos seres humanos ficam abertas, segundos sem piscar; as retinas abrem as membranas para os olhos enxergarem as maravilhosas borboletas que revoluteiam nas várias direções livremente.

Nas regiões de microclima elas se adaptam seja mata fechada, campo aberto, brejo ou cachoeiras altas; na queda-d’água (no solo umedecido), recebem respingos espalhados a sua volta; nessa área, há plantas aquáticas naturais com suas pétalas verdes e vistosa floração, favorecendo os insetos que sugam os néctares deliciosos para seu sustento. A maior borboleta brasileira é a “Olho de Coruja”; seu tempo de vivência chega a dois meses. Elas são da ordem Lepidóptera, nome científico que vem do grego, significando: asas com as escamas; não oferecem dano à humanidade. Biólogos calculam que há 200 mil espécies, mas 120 mil estão registradas; números não confirmados, porque é impossível fazer tais cálculos, já que, em determinadas regiões, os insetos que estamos nos referindo não existem; pesam cerca 0,3g, sendo que a maior pode pesar 3g; chegam a ter 32cm, de envergadura (asa a asa).

Na superfície da área inclinada do terreno florido, os raios infravermelhos do sol penetrando na cachoeira formam um arco-íris; as pessoas, ao vê-lo, ficam com a impressão de que está havendo impulso na frente do nicho da queda-d’água, como há enorme rocha preta, forma-se como uma tela em terceira dimensão, exibindo um quadro de sobrenatural beleza nata; prodígio inexplicável; extraordinária e intocável visibilidade que a pessoa humana, mesmo sendo artista plástica, não tem habilidade para transportar para a tela.

A reprodução das borboletas em cativeiro é de 50% a 80%, devido à ausência de predadores; cinco borboletas introduzidas no “Borboletário” equivalem a uma proporção de 10 soltas na mata.

As taturanas são as lagartas com pelos; ao encostar mãos, queimam devido às substâncias tóxicas que alimentam; elas são importante peça na polinização.

Os insetos integram-se com veemência // Há outros viventes // No mundo terreno // Diferenças dos seres no planeta terra.

Açores

Por Raquel Naveira*

Açores: arquipélago no meio do Oceano Atlântico. Ilhas dançam sobre o mar. Destroços de um continente formado por lavas vulcânicas, caldeiras que viraram rios e chuvas de pedras pomes. Paisagens que impressionam: campos verdes, vilas de pescadores, areias com fosforescências ao sol, restos de antigas embarcações, touceiras de hortênsias azuis, vinhedos cultivados entre as rochas. Nessas praias naufragaram navios, aportaram as caravelas dos Descobrimentos, saltaram marinheiros, corsários, escravos, fidalgos, condenados e todo tipo de aventureiros. Os portugueses começaram a povoar as ilhas por volta de 1432. Ali ingressaram também flamengos, bretões, norte-africanos. Construíram castelos, fortalezas, fortes, redutos, trincheiras, em meio a raios e furacões.

Entre açorianos ilustres, destacamos Gaspar Frutuoso (1522-1591), o sacerdote, o historiador, o humanista enciclopédico, literato, interessado em estudos de alquimia e mineralogia. Foi pároco na Ilha de São Miguel, dedicando-se à caridade dentro e fora da ilha. Escreveu *Saudades da Terra*, um precioso manuscrito, em seis volumes, com informações sobre usos e costumes, toponímia, fauna e flora dos arquipélagos de Açores, Madeira, Canárias e também de Cabo Verde. O cronista insulano de toda a chamada Macaronésia. Cópias parciais foram publicadas postumamente e o conjunto completo encontra-se na Biblioteca de Ponta Delgada. Cordilheiras, montanhas, picos e ilhas, toda uma geografia revelada, vista de perto e de longe. Sentia-se vivo e intenso entre as ilhas, pois toda ilha é propícia à meditação, ao silêncio e à solidão.

Neste ano em que se celebra o quinto centenário de nascimento de Gaspar Frutuoso, assistimos a duas brilhantes comunicações sobre ele, em sessão da Academia das Ciências de Lisboa: “Memórias das ilhas, na solidão do Atlântico”, do professor António Valdemar e “Estas ribeiras de pedra derretida”, do professor José Damião Rodrigues. Imagens de búzios multicores, mares, calhaus, estátuas, igrejas e azulejos portugueses, leitura de trechos do *Saudades da Terra*.

Emigrantes dos Açores fundaram cidades brasileiras como Barra Velha, Porto Alegre, Florianópolis, Laguna. Entre esses açorianos, estavam a mãe, Matilde e a avó, Jacinta Garcia Benevides, da poetisa e professora Cecília Meireles (1901-1964), nome icônico do modernismo brasileiro e uma das grandes escritoras da Língua Portuguesa. O pai de Cecília morreu três meses antes de seu nascimento, e sua mãe, quando ela tinha apenas três anos. Órfã, Cecília passou a morar com sua avó Jacinta, que lhe contava histórias do mágico folclore açoriano: amores proibidos, bruxas, bois de estimação, lobisomens, navios soltando vapor povoavam o imaginário da menina. A avó também conhecia cantigas como a da Bela Aurora, que chorava a falta da doce companhia de seu amor: “A Bela Aurora na serra, não sei como não tem medo: faz a cama, dorme só, debaixo do arvoredo.”

Talvez por isso Cecília tenha escrito tantos poemas-canções, cheios de melancolia, de mares e abismos de amor, como este: “Pus o meu sonho num navio e o navio em cima do mar – depois, abri o mar com as mãos para o meu sonho naufragar.”

Elegia, poema em memória da amada avó Jacinta, é também doloroso: “No dia seguinte, estavas imóvel, era tua forma definitiva modelada pela noite, pelas estrelas, pelas minhas mãos. Exalava-se de ti o mesmo frio do orvalho, a mesma claridade da lua.”

A vida é um oceano cheio de ilhas de sofrimento. Gostaria de pegar um barco e alcançar os Açores: a Ilha das Flores, a do Corvo, a do Pico, as encruzilhadas todas das rotas transatlânticas. Sair de cada ilha para melhor conhecê-la. Sair de mim mesma para me observar como se eu fosse uma ilha isolada num grande e misterioso arquipélago.

*Raquel Naveira é membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do PEN Clube do Brasil.

JL Livros e Autores

por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Trilogia Brasil

Trilogia Brasil, lançamento da Editora Record em comemoração aos 50 anos de literatura de Antônio Torres, reúne três romances do acadêmico em um único volume. Escritos com décadas de distância, com histórias de desenraizamento, afeto e encontro, contando etapas diferentes na vida de um retirante, as obras *Essa Terra* (um dos romances mais marcantes da literatura brasileira contemporânea), *O Cachorro e o Lobo* e *Pelo Fundo da Agulha* têm grande reconhecimento da crítica. As narrativas trazem na temática do sertão, das relações familiares, da imigração e do retorno às origens muito mais do que um capítulo da história brasileira.

Décimo nono livro do aclamado escritor, a caprichada publicação, com 532 páginas, traz, na orelha, texto do imortal João Almino.

Antônio Torres, antes de chegar à literatura, passou pelo jornalismo, primeiro na Bahia, estado em que nasceu (Sátiro Dias, 1940), depois em São Paulo, onde migrou para a publicidade. Sua estreia literária foi em 1972, com o romance *Um Cão Uivando para a Lua*. Sua premiada obra tem várias edições no Brasil e no exterior. Membro da Academia Brasileira de Letras, da Academia de Letras da Bahia, da Academia Petropolitana de Letras e da Academia Contemporânea de Letras (São Paulo), Torres é sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa.

Sem luta não se vive

Sem Luta Não se Vive (Ed. Gryphus, 2022) é o quarto livro do oftalmologista e escritor Almir Ghiaroni, autor de *As Cores da Vida*, *Elos Invisíveis* e *Uma Vida Não Basta*. Nessa obra, ao longo de 133 páginas, episódios de violência urbana, ação de milícias e outros desvios sociais próprios das grandes metrópoles se mesclam numa fascinante trama que se desenrola no Rio de Janeiro.

A capacidade de interação de Ghiaroni com os diferentes aspectos da vida tornam sua escrita plural e muito interessante.

A narrativa de *Sem Luta Não se Vive* prolonga o que é imediato, com a dosagem adequada de inquietação, deixando nas entrelinhas o desafio do simbólico. Seu texto foge do silêncio, contempla e sai da palavra pela visão de mundo, suportado por uma erudição sem pedantismo. No prefácio, o acadêmico Arnaldo Niskier confirma a vocação literária do autor que se revela na prosa sensível, costurada com o zelo poético característico dos que conhecem a alma humana em profundidade: "Autor que acredita na força da palavra e na potência da linguagem, a escrita de Ghiaroni guarda o culto da sabedoria e dos valores adquiridos. Os textos maduros nos dão a boa medida do seu talento, exercido com sensibilidade e competência."

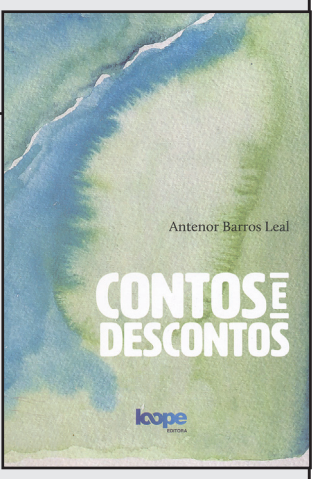
Machado de Assis

Depois de mais de quarenta anos da publicação de *A Metáfora do Mar no Dom Casmurro* (1978), Linhares Filho resolveu reeditá-lo junto com *Ironia, Humor e Latência nas Memórias Póstumas*, escrito em 1992. O resultado foi a reunião dessas duas substanciais obras num só volume, sob o título de *Machado de Assis: Latência sensual consciente*, que chega às mãos do leitor pela Kotter Editorial.

Ao longo das 250 páginas, concebe-se um escritor não só realista, mas também neonaturalista e neossimbolista, baseando-se em recursos retóricos, estilísticos, semânticos, etimológicos, isto é, em todos os níveis da linguagem e na autotextualidade. Sem eliminar interpretações e análises anteriores, o autor propõe uma leitura crítica em que o latente sensual se reflete no patente.

Poeta e ensaísta crítico, José Linhares Filho é cearense de Lavras da Mangabeira, nascido em 1939. Professor Titular de Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Ceará, lecionou também Literatura Brasileira. Mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ e doutor em Letras Vernáculas pela mesma Universidade. Membro Efetivo da Academia Cearense de Letras desde 1980 e da Academia de Letras e Artes do Nordeste. Presidente de Honra da Academia Lavrense de Letras, foi escolhido "Príncipe dos Poetas Cearenses" pela ACL, em 2016.

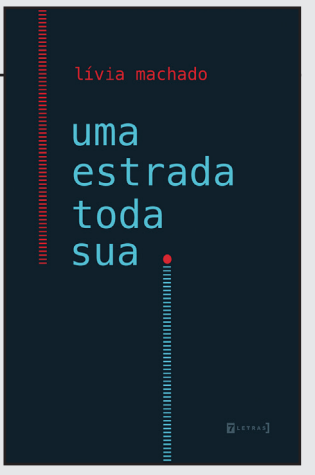
Contos e descontos



Contos e Descontos (Loope Editora, 2020) é uma coletânea que reúne 187 artigos de Antenor Barros Leal. Por muito tempo, o autor escreveu sobre negócios do trigo, atividade que o envolve desde 1972. Com um olhar atento e observador, nesta obra, expõe seus "calendários de emoção" nos Contos, com viagens imaginárias que empreendeu ou que tomou emprestado de outros. Os Descontos são artigos, traduções de pensamentos sobre o dia a dia.

Antenor Barros Leal é formado em Direito, mas sempre atuou na atividade industrial, especializando-se nas áreas de alimentos e industrialização. Foi presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro (ACRJ), presidente do Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE/RIO), vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), presidente da Associação Brasileira da Indústria do Trigo (Abitrigo), presidente do Sindicato dos Moinhos de Trigo dos Estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Minas Gerais e Goiás e membro do Conselho de Curadores da Fundação do Câncer. Condecorado com a Medalha de Honra das Três Forças, já realizou inúmeras palestras no Brasil, Canadá, Estados Unidos, Argentina, Inglaterra, Peru, Chile e Alemanha. Autor de inúmeros artigos nos principais jornais do país, este é o seu primeiro trabalho autoral.

Uma estrada toda sua



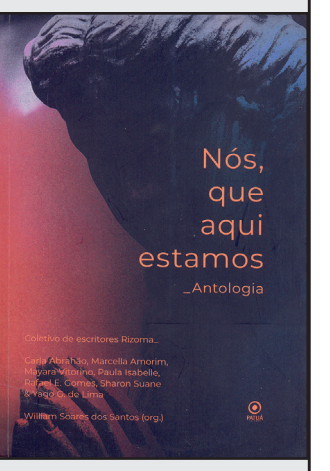
Com a obra *Uma Estrada Toda Sua*, editado pela 7 Letras, a jornalista Lívia Machado faz sua estreia na literatura.

A coletânea reúne 20 contos, divididos em duas partes: Estrada Orgânica, com seis textos, e Estrada Cibernética, com 14 narrativas. A autora se aventura de forma bem-sucedida por estilos de narrativa e de escrita que vão do surrealismo ao fantástico, do microconto à memória, revelando influências que vão de Virginia Woolf (1882-1941) a Jorge Luís Borges (1899-1986).

Ao mesmo tempo em que leva o leitor às paisagens rurais e montanhosas de Minas, a autora mistura invenção e memória (Salve, Cony!) como em Androide paranoica, no qual uma menina tenta alçar voo do telhado de uma vizinha. A carga imagética oferecida é comovente e remete às peripécias d' *O Menino no Espelho*, de Fernando Sabino (1923-2004). A autora vai da poesia, como na terceira parte do conto Post-scriptum, como mostra-se fluida e sucinta, como nos microcontos Turista e Febre, reinventando a linguagem neste último.

Lívia Machado nasceu em Juiz de Fora (MG), em 1989. É jornalista, mestra em Comunicação e Sociedade (UFJF), doutora em Meios e Processos Audiovisuais (USP) e pesquisadora em Artes e Semiótica pela ECA-USP.

Nós, que aqui estamos – Antologia



O livro de contos *Nós, que Aqui Estamos* (Ed. Patuá, 2022), organizado por William Soares dos Santos, é dividido em sete partes. Cada uma se constitui de um pequeno livro dedicado aos autores, integrantes do Coletivo Rizoma: Carla Abrahão, Marcella Amorim, Mayara Vitorino, Paula Isabelle, Rafael Gomes, Sharon Suane e Yago de Lima. Os trabalhos não foram reunidos por acaso: todos fizeram parte da oficina de escrita criativa para a produção de contos, oferecida pela UFRJ e desenvolvida, remotamente, em 2020. O desafio proposto como tema condutor era "olhar sobre o que é existir no início do século XXI, no Brasil". Na apresentação, intitulada "Os gengibres exalam cheiro e brotam esperanças", Adriana Lomar destaca a contemporaneidade dos textos: "As narrativas apontam para um novo caminho traçado pelas complexidades da atualidade e os gêneros perdem a rigidez da forma, a linguagem se modifica e a hibridez do texto se torna mais evidente. Contos interpretados como poemas, romances capitulados em contos, romances em versículos – e a forma se desestrutura acompanhando os novos sentidos da palavra."

No posfácio, o organizador William Soares dos Santos traz "Uma breve nota sobre a arte da narrativa literária curta e um apontamento para contistas brasileiros no início de um novo século".

JL Entrevista transmitida em nível nacional, no Programa *Identidade Brasil*, apresentado, por Arnaldo Niskier, no Canal Futura.

Laurentino Gomes

Laurentino Gomes e a escravidão

Arnaldo Niskier: Hoje, com muito prazer, recebemos a visita do escritor e acadêmico, da Academia Paranaense de Letras, Laurentino Gomes. Ele é autor de três clássicos da literatura brasileira: *1808*, *1822* e *1889*. O que levou você a fazer essa trilogia famosa?

Laurentino Gomes: Foi uma série de coincidências muito favoráveis na minha vida. Sou jornalista de formação, trabalhei mais de 30 anos em redação de jornal e revista, mas sempre tive o interesse paralelo à minha vida como jornalista, que era estudar História do Brasil. Em 1997, eu trabalhava na *Veja*, era editor executivo e a revista tinha um projeto de fazer uma série de especiais sobre História do Brasil, que seriam distribuídos de brindes para os novos assinantes. Um deles era sobre a vinda da corte de Portugal para o Rio de Janeiro. Encarregado de coordenar uma equipe para estudar esse assunto, fiquei completamente fascinado por esse episódio e seus personagens. Esse rei, esse príncipe regente, gordo, que dizem que não tomava banho regularmente, era um glutão, comia quantidades fenomenais de franguinhos passados na manteiga. Mas tomou uma decisão corajosa, surpreendente, que foi trazer a corte para o Rio de Janeiro, fugindo das tropas de Napoleão Bonaparte. A certa altura, a revista cancelou o projeto e decidi seguir sozinho. Publiquei, em 2007, na Bienal do Rio de Janeiro, o livro 1808.

Arnaldo Niskier: Você sempre publicou suas obras pela Globo Livros?

Laurentino Gomes: Não, primeiro pela Planeta, depois pela Nova Fronteira e agora estou na Globo Livros. Mas, quando lancei o *1808*, aconteceu o que nunca imaginei nem no meu sonho mais delirante: o livro se tornou um best-seller, teve uma repercussão muito maior que imaginava. Até agora vendeu mais de um milhão e meio de exemplares e tomei uma decisão drástica, pedi demissão do emprego, virei escritor e o resultado foi fazer o segundo livro.

Arnaldo Niskier: Dá para viver como escritor?

Laurentino Gomes: Dá, o mercado editorial brasileiro se profissionalizou muito, hoje temos boas editoras. Claro que, se o livro tiver uma repercussão grande, como felizmente os meus tiveram, é possível levar uma vida bastante decente com os direitos autorais. No passado, isso não acontecia, mas o Brasil hoje evoluiu bastante em termos de profissionalização do mercado editorial e é possível, sim.

Arnaldo Niskier: Você não precisou se transferir para um grande centro, como Rio, São Paulo?

Laurentino Gomes: Eu já estava em São Paulo. Nasci no Paraná, mas morei em várias cidades.

Arnaldo Niskier: Você nasceu em Maringá.

Laurentino Gomes: Nasci em Maringá, mas trabalhei em Curitiba, Belém do Pará, Recife, Brasília e vim parar em São Paulo. Então, quando lancei o *1808*, estava em São Paulo.

Arnaldo Niskier: Você é nômade.

Laurentino Gomes: Mas essa experiência como jornalista me permitiu conhecer muito o Brasil, a realidade brasileira. Acho que isso ajudou no momento em que decidi também me tornar escritor e escrever sobre História do Brasil.

Arnaldo Niskier: Quando pensou em trilogia, pensou de uma vez só ou isso veio acontecendo aos poucos?

Laurentino Gomes: Aos poucos. Não tinha o plano de escrever uma primeira trilogia, apenas escrever o livro *1808*, mas os leitores começaram a me fazer uma pergunta óbvia. Eles perguntaram: "Você escreveu sobre os 13 anos de permanência da corte no Brasil, uma história muito interessante, mas e a consequência? Não dá para entender o processo de Independência do Brasil sem observar a corte do D. João no Rio de Janeiro." Então, decidi escrever o *1822*, que lancei em 2010, e sobrava uma terceira data óbvia que era *1889*, essa ruptura, Proclamação da República. Então, essa trilogia foi acontecendo aos poucos. A segunda trilogia, *Escravidão*, que acabei de encerrar, foi planejada, desde o começo, em três volumes, mais de mil e quinhentas páginas, porque o assunto é complexo, uma bibliografia enorme.

Arnaldo Niskier: E por que o Brasil demorou tanto a abolir a escravidão? Foi das Américas o último país.

Laurentino Gomes: É importante levar em conta que o Brasil foi o maior território escravista das Américas. O Brasil recebeu cerca de 5 milhões de africanos escravizados, isso dá 40% do total de 12 milhões e meio que embarcaram para as Américas e todos os nossos ciclos econômicos foram construídos com mão de obra cativa. Do pau-brasil, que era mão de obra indígena, depois açúcar, ouro, diamante, algodão, tabaco, café, tudo foi construído com mão de obra escrava. De maneira que o Brasil estava refém da escravidão. As grandes lavouras são as primeiras grandes *commodities* da história humana, são os primeiros grandes bens de consumo de massa. O açúcar, até a chegada dos portugueses ao Brasil, era um bem muito precioso, figurava em dotes de matrimônio, em testamentos pós-morte e depois se tornou um produto muito popular, muito barato.

Arnaldo Niskier: É a época em que nomeamos viscondes, barões, nobres de todo o calibre...

Laurentino Gomes: Sim, o Brasil teve uma nobreza fugaz, ela não era hereditária, era uma nobreza que se extinguia com a morte do detentor do título. Mas o Brasil teve conde, visconde, barão, comendadores, essa nobreza que geralmente estava ligada à terra e à exploração da mão de obra cativa. A grande parte dos barões brasileiros eram produtores de café.

Arnaldo Niskier: D. Pedro II era um tipo eminentemente democrata. Era uma figura interessante e de bons princípios. Por que ele ficou 49 anos no poder e não se deu conta de que podia ter agido de outra forma?

Laurentino Gomes: No livro *O Abolicionismo*, o grande abolicionista pernambucano Joaquim Nabuco, aliás fundador da Academia Brasileira de Letras, faz um julgamento severo a D. Pedro II. Ele cita uma frase interessante do jornalista Ferreira de Menezes, que diz assim: "O imperador passou 50 anos, quase meio século, a fingir que governava um povo livre." É um julgamento duro. D. Pedro II é, digamos assim, a vitrine de um Brasil que, no século XIX, era uma miragem, era uma ilusão de ótica. No livro *1889*, há um capítulo sobre o Brasil como uma miragem, uma ilusão de ótica. No século XIX, o Brasil se apresentava ao mundo como uma monarquia liberal, parlamentarista, tinha uma Constituição surpreendentemente liberal – Constituição de 1824 –, tinha uma arquitetura imperial no Rio de Janeiro, em Petrópolis, tinha condes, barões, viscondes, príncipes, princesas, mas a realidade nas ruas era de pobreza, analfabetismo. Estima-se que, na época da Independência, eram 99% de analfabetos, escravidão e concentração de riqueza. Então, é muito curioso observar que o imperador Pedro II é uma projeção de um Brasil que gostaria de ser, mas não era. Um homem muito culto, muito educado, amante das artes, das ciências, amigo do Graham Bell, do Victor Hugo, de inúmeros filósofos e grandes pensadores...

Arnaldo Niskier: E ele circulava pelo mundo.

Laurentino Gomes: Circulava, falava várias línguas, estudou hebraico, mas o Brasil real era o oposto de D. Pedro II. O D. Pedro II é como se fosse um farol, um profeta do Brasil que ainda hoje não aconteceu, esse Brasil que deveria ser desenvolvido, educado, culto. Então, o que me encanta em D. Pedro II é exatamente isso. Mas ele era refém da realidade brasileira. Realmente o trono brasileiro era um gigante com pés de barro, porque tinha essa arquitetura liberal, aparentemente muito desenvolvido, um Brasil surpreendentemente moderno do ponto de vista das leis e da nomenclatura, mas a realidade era de escravidão, era de pobreza e de analfabetismo. Esse era um pacto entre a aristocracia rural escravista brasileira e o trono. Um apoiava o outro e um não mexia nos interesses do outro. Esse pacto vem desde a época da Independência. O Sérgio Buarque de Holanda fala de um sentimento de medo na época da Independência que funcionou como um amálgama no processo de Independência. São dois medos. O primeiro era que o Brasil mergulhasse numa guerra civil republicana, nesse caso os chefes políticos regionais entrariam em guerra entre si, e o Brasil poderia se fragmentar em três, quatro países desse tamanho, como aconteceu com a América Espanhola. Mas havia o segundo medo que era de uma bomba social, de uma rebelião

escrava, como tinha acontecido no Haiti. Durante a Revolução Francesa, os colonos franceses começaram a brigar entre si, armaram seus escravos e houve um banho de sangue na Independência do Haiti. Então, essa soma de dois medos fez com que a elite brasileira optasse por um caminho conservador. Manteve a monarquia, manteve o herdeiro da coroa de Portugal no trono e isso explica o Brasil se manter como monarquia durante 67 anos. Quando esse pacto se rompeu, com o movimento abolicionista, depois da Guerra do Paraguai que terminou em 1870, o edifício desabou, é como se houvesse uma implosão da monarquia brasileira, porque os fazendeiros se consideraram traídos e migraram para a campanha republicana. D. Pedro II realmente ficou órfão não só do seu império, mas também daquela aristocracia que o apoiava até então. D. Pedro II foi traído na Proclamação da República.

Arnaldo Niskier: E a Guerra do Paraguai, que você citou, foi de certa maneira uma vergonha para nós, não foi?

Laurentino Gomes: Foi, o Brasil quase perdeu essa guerra. No começo, se achava que ia ser um passeio, um país pequeno, o Paraguai, mas o Brasil não tinha condições de enfrentar aquele país que de fato tinha uma organização militar muito avançada. O Brasil não tinha Forças Armadas realmente organizadas, o que tínhamos era a defesa interna pela guarda nacional, foi preciso recrutar os Voluntários da Pátria, aliás o próprio D. Pedro II se apresentou como voluntário. Muitos escravos foram recrutados e mandados para a Guerra do Paraguai e, pela primeira vez, homens livres e homens cativos lutaram lado a lado pelo mesmo ideal, defendendo o mesmo país. Isso explica porque o movimento abolicionista ganhou força, depois do fim da Guerra do Paraguai, porque é uma nova noção de identidade nacional.

Arnaldo Niskier: Você conta isso tudo nos seus livros.

Laurentino Gomes: É, no *1889*. Os símbolos nacionais foram valorizados, essa noção de identidade nacional se reforçou com a Guerra do Paraguai, mas realmente foi um desafio muito grande. Diria que 1870, o último ano da Guerra do Paraguai, é o apogeu, mas é o início do declínio do Império, porque realmente foi a grande vitória. O Brasil se consolidou, uma nova identidade nacional que nasce com a Guerra do Paraguai, mas em 1870 estavam plantadas as sementes de destruição do Império. A questão militar, uma divergência entre as lideranças militares e as autoridades imperiais, o movimento abolicionista, que começa de fato em 1870, a campanha republicana, o manifesto republicano é publicado em 1870 e a saúde do imperador Pedro II, que era o avalista desse modelo.

Arnaldo Niskier: Ele teve problemas de saúde?

Laurentino Gomes: Sim, o imperador Pedro II sofria de diabetes. É muito interessante observar as fotografias, ele era um homem precocemente envelhecido. E havia uma grande incógnita no ar, que era a filha princesa Isabel. Esse é um país patriarcal, conservador, havia muita dúvida sobre a viabilidade de um terceiro reinado com uma mulher no trono. Uma mulher muito católica, muito subserviente ao Papa, a maçonaria, que congregava a elite intelectual brasileira, começou a se opor à princesa Isabel. Então, a soma de tudo isso levou à queda do Império, duas décadas depois do fim da Guerra do Paraguai. Acho que a monarquia trazia embutida nela sua própria semente de destruição.

Arnaldo Niskier: E o papel da Inglaterra nessa história toda? Sempre que se lê os seus livros – porque é a melhor fonte, Laurentino Gomes –, existe a presença de forças britânicas, forças inglesas no processo. A Inglaterra nunca deu mole para o Brasil em toda sua história. Como você interpreta isso?

Laurentino Gomes: A Inglaterra emergiu como grande potência militar e marítima com a Batalha de Trafalgar, de 1805, a esquadra francesa aliada aos espanhóis foi derrotada pelo almirante Nelson e essa Inglaterra, logo em seguida, faz a Revolução Industrial, já na segunda metade do século XVIII. Então, a Inglaterra se torna não só uma potência militar e marítima, mas também uma potência industrial, passa a produzir bens e mercadorias numa escala nunca vista até então na história. Passa também por uma transformação interna muito importante, que é o nascimento do movimento abolicionista, junto com a Revolução Industrial. Então, essa potência militar, industrial passa a pressionar os outros países a acabar também com a escravidão e isso é um problema para o Brasil, porque resistiu a todos os esforços. Foi o último país das Américas a acabar com o tráfico, com a Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, e com a própria escravidão, com a Lei Áurea, de 1888. A Inglaterra foi avalista do processo de Independência do Brasil, a Inglaterra forçou Portugal a reconhecer o Brasil independente. Isso levou as outras monarquias europeias também a reconhecer o Brasil, mas havia uma condição: a primeira que o Brasil perpetuasse um tratado comercial leonino que impunha tarifas preferenciais para os produtos ingleses no Brasil. Isso dificultou, por exemplo, a industrialização brasileira, no século XIX. A segunda condição era o fim do tráfico negreiro, e acontece uma coisa curiosíssima. Em 1831, o parlamento brasileiro aprovou uma lei que acabava com o tráfico de escravos, só que era uma lei para os ingleses verem, daí vem a expressão "para inglês ver", porque nunca entraram tantos africanos ilegais e clandestinos em tão pouco tempo quanto nas duas décadas seguintes. Então, houve ali um embate diplomático e militar e o Brasil só concordou em acabar com o tráfico em 1850, sob a mira dos canhões da armada britânica. Um cruzador britânico invadiu águas territoriais brasileiras, na Baía de Paranaguá, no Paraná, trocou tiros com uma fortaleza da Ilha do Mel, acusada de proteger o tráfico negreiro. Foi uma humilhação para o imperador Pedro II a invasão de águas territoriais por uma armada e o Brasil fez a Lei Eusébio de Queiroz. Mas os ingleses continuaram fazendo investimentos importantes no Brasil em ferrovias, em mineração. Há uma dose de hipocrisia nessa história, porque, até às vésperas da Lei Áurea, as mineradoras inglesas, em Minas Gerais, usavam mão de obra escrava, alugavam, compravam escravos. A Inglaterra financiou mercadorias, navios que continuaram a ser usados no tráfico de escravos, foi uma potência muito forte. Tem uma famosa Questão Christie, que um diplomata britânico aqui, no Rio de Janeiro, impôs condições que eram consideradas indignas e o próprio imperador foi às ruas protestar contra essas exigências. Então, diria assim, era uma relação de amor e ódio entre o Brasil e a Inglaterra. Pressões a favor de coisas importantes, como o fim da escravidão, mas também impondo limitações na economia brasileira que eram inaceitáveis.

Arnaldo Niskier: Isso você trata com muita propriedade em um dos seus livros, *1889*. Com sua experiência, você visitou 12 países para fazer sua obra. É um fenômeno, é uma coisa extraordinária. Qual é a impressão que você ficou da presença do Valongo do Rio de Janeiro nesse processo?

Laurentino Gomes: O Valongo talvez seja o local mais simbólico sobre a escravidão, porque ali foi o maior entreposto de comércio de gente, durante o século XIX. Na época da Independência, eram comprados e vendidos, geralmente em leilões em praça pública, cerca de 30 mil homens e mulheres escravizados por ano. Eram chamados negros boçais ou pretos novos, os recém-chegados.

Arnaldo Niskier: Tinha um Instituto de pretos novos.

Laurentino Gomes: Tem agora. Essa história é muito interessante, porque muitos chegavam doentes, desnutridos e morriam depois de chegar ao Brasil, e os cadáveres eram jogados em valas comuns e cobertos com cal. Na década de 1990, agora recentemente, um casal foi reformar uma casa na Rua do Camerino, na Gamboa, e descobriu uma série de ossos no solo e hoje lá funciona o Instituto Pretos Novos, que é um memorial a essas vítimas do tráfico negreiro, pessoas que morreram e foram jogadas em valas comuns, ali naquela região, perto da Igreja de Santa Rita. Diria também que o Valongo é um alerta para um projeto que considero de esquecimento para o Brasil. O Brasil nunca teve um grande museu nacional da escravidão e da cultura afro-brasileira. O Brasil tem Museu do Amanhã, tem Museu da Língua Portuguesa, da Imagem e do Som, mas não tem o museu da história africana brasileira. Acho que o Valongo seria um lugar candidato natural a abrigar esse museu. Tenho defendido que o museu deveria estar no Valongo ou no centro da Esplanada dos Ministérios.

Arnaldo Niskier: O Brasil teve relações com países africanos, como Daomé. Eram relações muito íntimas, um comércio bastante ativo. Por que Daomé?

Laurentino Gomes: O Daomé foi um dos reinos que nasceram em função do tráfico de escravos. A demanda por mão de obra cativa na África se tornou tão grande a certos momentos. Os europeus começaram a financiar os chefes locais com armas, munições, mercadorias, dinheiro. Isso acirrou as rivalidades e começaram a surgir estados nacionais, novos estados na África, com o objetivo de fornecer mão de obra cativa, um deles era o Reino do Daomé, onde é hoje a República do Benim. Então, o Reino do Daomé e o Império Oió guerrearam entre si, durante várias décadas, e os perdedores eram vendidos para os navios negreiros. E é muito interessante, porque os dois primeiros soberanos que reconheceram a Independência do Brasil eram vendedores de escravos: o Rei de Onin, que é a atual cidade de Lagos, na Nigéria, e o Rei do Benim. Foram os dois primeiros soberanos que reconheceram a Independência do Brasil em função do interesse que eles tinham na venda de cativos para o Brasil.

Arnaldo Niskier: É tão importante esse estudo que você fez para a História do nosso país, para a preservação de certos valores que adquirimos com os povos africanos e que isso sirva de modelo, inclusive para a educação brasileira, porque precisamos muito disso.

Ruy Castro imortal

Por Manoela Ferrari manoela.ferrari@gmail.com

Foto: Marcos Ramos.

Ruy Castro é o mais recente imortal eleito para a ABL.

Um dos principais biógrafos do país, Ruy Castro é o mais recente imortal eleito para a Academia Brasileira de Letras. Aos 74 anos, o premiado escritor e jornalista, que recebeu da Instituição, no ano passado, o Prêmio Machado de Assis pelo conjunto da obra, irá ocupar a Cadeira número 13, que era do ex-ministro da Cultura Sérgio Paulo Rouanet, falecido em julho, aos 88 anos, vítima de uma síndrome de Parkinson avançada.

Favorito absoluto, desde que se inscreveu para a eleição, o novo acadêmico alcançou 32 dos 35 votos, superando com folga os outros candidatos (Jackeson dos Santos Lacerda, Rodrigo Cabrera Gonzales, Elói Angelos G. D 'Arachosia, André Amado e Raquel Naveira). Campeão de vendas nas livrarias, especialmente com as biografias – gênero literário que ajudou a renovar no Brasil – o autor de *O Anjo Pornográfico*, *Uma Estrela Solitária* e *Carmem*, entre outros best sellers, é mais um talento aprovado pelo gosto popular.

O presidente da Academia Brasileira de Letras, Merval Pereira, afirmou que a qualidade da obra continua sendo o fator determinante na escolha dos imortais: "Na verdade, a gente quer mostrar que a Academia é aberta a todos e que os artistas de várias tendências da cultura estão representados aqui, mas a qualidade é essencial", apontou, destacando o talento do novo imortal como biógrafo e romancista: "Ruy Castro é um grande escritor, biógrafo formidável não apenas de grandes nomes, como Garrincha, Nelson Rodrigues, mas da cidade do Rio e de movimentos fundamentais da nossa cultura, como a bossa nova. Seu mais recente romance, *Os Perigos do Imperador* (2022), é exemplo do exímio escritor que é", afirmou o presidente.

Ao receber a notícia da eleição, Castro falou sobre a responsabilidade de ocupar a Cadeira 13: "A Cadeira 13 é extraordinária. Ela começou com o Visconde de Taunay, um grande romancista do começo do século XX, e ele escolheu como patrono o Francisco Otaviano, um dos pais da imprensa brasileira. Também foi ocupada por Augusto Meyer, que abasteceu milhares de bibliotecas nos 30 anos em que foi diretor do Instituto Nacional do Livro. Depois, por Francisco de Assis Barbosa que, além de ter sido um grande jornalista dos anos 1930 e 1940, foi quem organizou toda a obra do Lima Barreto e fez sua primeira grande biografia. Por fim, tivemos o grande Sergio Paulo Rouanet. Ou seja, não pode haver cadeira mais maravilhosa, com antecessores que, como eu, foram jornalistas que se tornaram escritores. Tenho que fazer jus a todos eles", exaltou.

Nascido em Caratinga (MG), em 1948, mudou-se ainda em seus primeiros anos de vida com os pais para o Rio de Janeiro. Formou-se no curso de Ciências Sociais, na então Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi) – atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), mas nunca atuou na área.

Como jornalista, passou por importantes veículos de imprensa, a partir dos anos 1960. Fez coberturas importantes, como a posse de João Guimarães Rosa na ABL, em 1967. Atualmente, é colunista da *Folha de S. Paulo*.

Parte de sua produção jornalística foi reunida em livros como *Um Filme é para Sempre* (sobre cinema), *Tempestade de Ritmos* (sobre música popular) e *O Leitor Apaixonado* (sobre literatura). Escreveu também um ensaio sobre o Rio, *Carnaval no Fogo: Crônica de uma Cidade Excitante Demais*. Seus livros têm edições nos Estados Unidos, Japão, Inglaterra, Alemanha, Portugal, Espanha, Itália, Polônia, Rússia e Turquia.

A seu respeito, foi publicado o livro *Álbum de Retratos: Ruy Castro, uma minifotobiografia*, pela editora Folha Seca. Castro é vencedor do Prêmio Esso de Literatura, do Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e de quatro Jabutis.

Em 1992, lançou o primeiro grande sucesso, *Chega de Saudade*, em que reconstruiu o movimento da bossa nova através de seus protagonistas. Após o primeiro best seller, Ruy encadeou uma série de biografias bem-sucedidas. Reconstruiu a vida do polêmico dramaturgo Nelson Rodrigues (*O Anjo Pornográfico*, 1992), do jogador Mané Garrincha (*A Estrela Solitária*, 1995) e da cantora Carmen Miranda (*Carmen*, 2005). Além de revisitar bossa nova em um livro de verbetes (*Ela é Carioca*, 1999), de histórias (*A Onda que se Ergueu do Mar*, 2001) e de roteiros (*Rio Bossa Nova*, 2006).

Seu último épico biográfico é *Metrópole à Beira-mar — O Rio moderno dos anos 20*, que descreve a efervescência cultural e moderna da então capital federal na década de 1920.

O novo acadêmico lançou, também, romances que misturam ficção e História, como *Bilac Vê Estrelas* (2000), *Era no Tempo do Rei: Um romance da chegada da corte* (2007), e o mais recente *Os Perigos do Imperador*, entre outros, além de condensações de clássicos como *Frankenstein*, de Mary Shelley, e *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll.

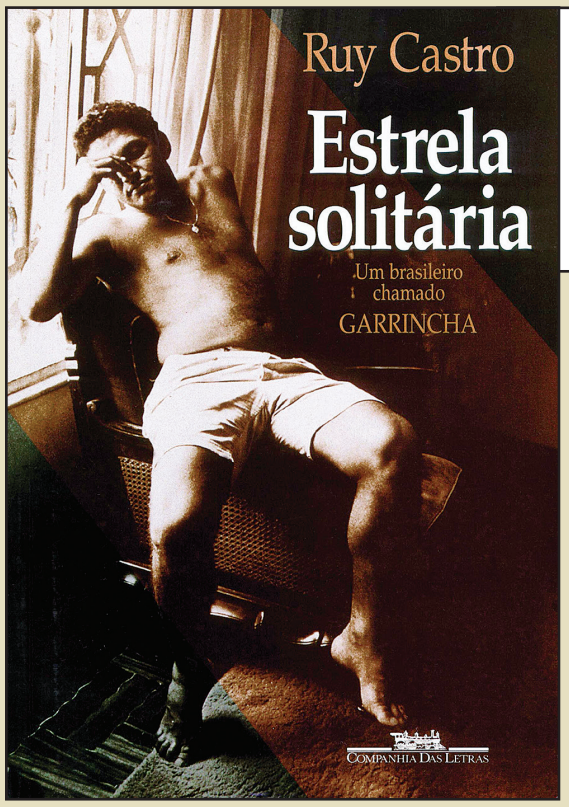
Sobre o seu processo criativo, Ruy Castro afirma: "Sou basicamente um biógrafo que também faz livros de reconstituição histórica, como se fossem biografias da bossa nova, do Rio dos anos 1920 e 1950, e por aí vai. O processo de apuração é o mesmo. Não posso me considerar propriamente um romancista, porque só publiquei três até hoje. E são romances de um 'biógrafo em férias'. De dez em dez anos tenho uma ideia para um romance e escrevo porque vou achar divertido explorar, fazendo de uma forma que os leitores também gostem."

Obras publicadas

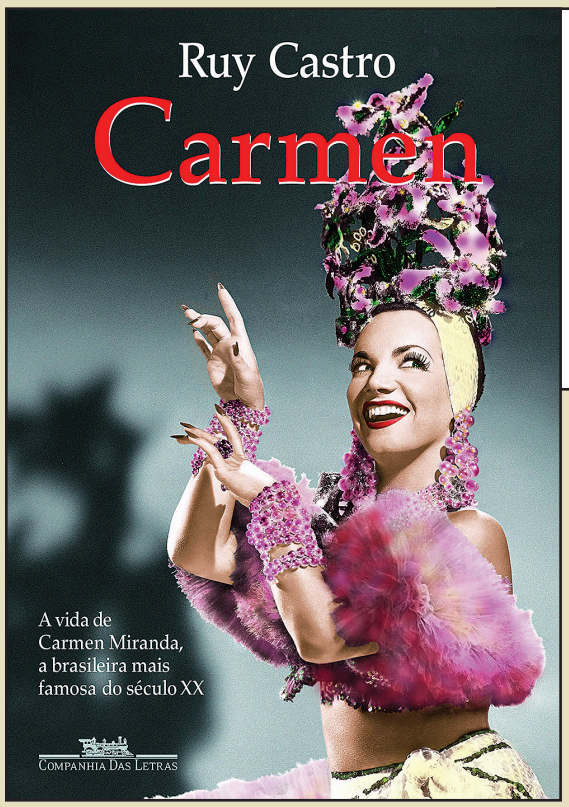
Chega de Saudade: A história e as histórias da Bossa Nova – 1990; edição revista – 2016;
O Anjo Pornográfico: A vida de Nelson Rodrigues – 1992;
Saudades do Século XX – 1994;
Estrela Solitária – Um brasileiro chamado Garrincha – 1995 **(prêmio Jabuti em 1996)**;
Ela é Carioca – 1999;
Bilac Vê Estrelas – 2000;
O Pai que Era Mãe – 2001;
A Onda que se Ergueu no Mar – 2001;
Carnaval no Fogo – 2003;
Flamengo: O vermelho e o negro – 2004;
Amestrando Orgasmos – 2004;
Carmen – Uma biografia – 2005;
Rio Bossa Nova – 2006;
Tempestade de Ritmos – 2007;
Era no Tempo do Rei: Um romance da chegada da corte – 2007;
Terramarear (coautoria com Heloísa Seixas) – 2011;
Morrer de Prazer – Crônicas da vida por um fio – 2013;
Letra e Música – 2013;
A Noite do meu Bem – A história e as histórias do samba-canção – 2015;
Metrópole à Beira-Mar – O Rio moderno dos anos 20 – 2019
As Vozes da Metrópole: Uma antologia do Rio dos anos 20 – 2021
Os Perigos do Imperador: Um romance do Segundo Reinado – 2022

Participações, adaptações e antologias:

Mau-Humor: Uma antologia definitiva de citações venenosas;
Contos de Estimação;
Querido Poeta: Correspondência de Vinicius de Moraes;
Frankenstein;

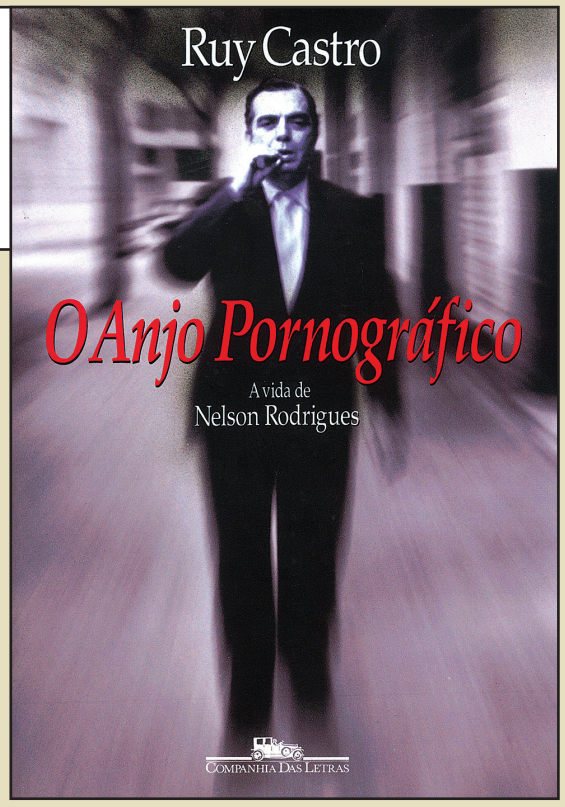


Para descrever a trajetória do ídolo de futebol Garrincha, Ruy Castro fez mais de 500 entrevistas com 170 pessoas. A obra, publicada pela Companhia das Letras, em 1995, recebeu o Prêmio Jabuti, em1996, de Melhor Ensaio e Biografia.



Em *Carmen*, Ruy Castro narra a vida da brasileira mais famosa do século XX – de sua infância na colônia portuguesa do Rio de Janeiro e adolescência no bairro da Lapa ao estrelato, primeiro no Brasil, depois nos EUA e, então, no mundo. O livro, com 632 páginas, publicado pela Companhia das Letras, foi vencedor do Prêmio Jabuti, em 2006, nas categorias Biografia e Livro do Ano – Não-Ficção.

Para escrever *O Anjo Pornográfico*, biografia de Nelson Rodrigues, Ruy Castro, realizou centenas de entrevistas com 125 pessoas. A publicação pela Companhia das Letras conquistou o Prêmio Jabuti 1993 de Melhor Capa.



Em *Chega de Saudade* (Companhia das Letras, 2016), Ruy Castro reconstitui, em 536 páginas, a vida boêmia e cultural carioca dos tempos da Bossa Nova.

Literatura Infantil

Por Anna Maria de Oliveira Rennhack

Visite a nossa página na internet: annarennhack.wix.com/amor

Flores e esperança

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

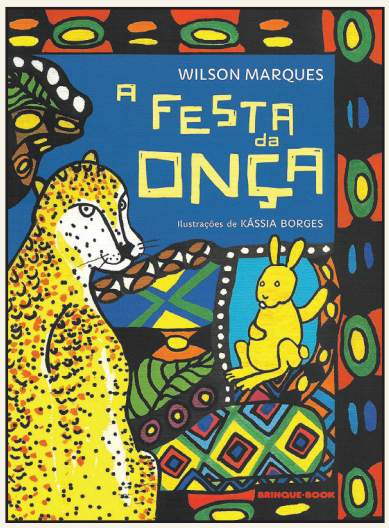
A chegada da Primavera nos bafeja um novo tempo, com cantos e esperança.

Algumas máscaras persistem nos rostos dos ainda temerosos, mas o tempo de pássaros e borboletas coloridas traz a mensagem de que amanhã será melhor, os medos vão passar e a chuva, que se tornou persistente por esses dias, lava as folhas das árvores, tornando-as mais brilhantes.

Da minha janela, vejo um circo com mil lâmpadas piscando! Não conheço mensagem mais alegre!

As editoras vão, aos poucos, normalizando suas produções e os livros começam a chegar e invadem o meu coração; fico com dificuldades para a seleção para a nossa página. Parece que todos se agitam e os livros surgem em formas, cores e tamanhos diversos, enchendo os olhos e a alma.

E vamos nós, seguindo a vibração da Primavera, acreditando em um mundo melhor!

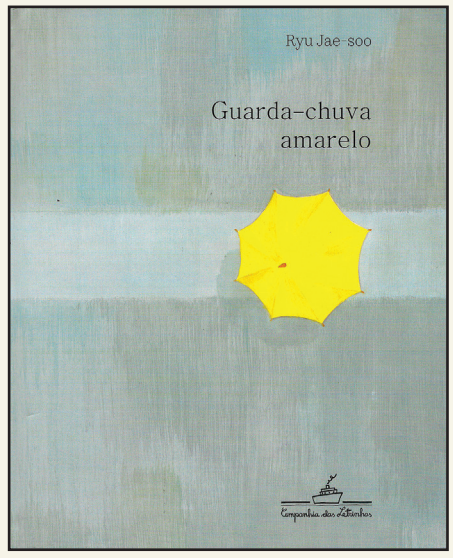


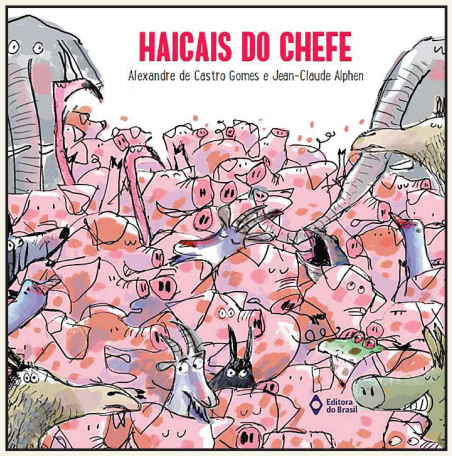
A Festa da Onça – Wilson Marques escreveu essa divertida história rimada e Kássia Borges ilustrou com colorido intenso (Brinque-BooK) – ao perceber que a Onça inventou uma festa para almoçá-lo, o esperto Coelho convida amigos e amigos de amigos para a falsa comemoração. Sem jeito, a Onça acaba organizando uma festa de verdade, bem alegre, onde todos se divertem, inclusive ela, e o Coelho se salva! Todos juntos somos fortes!

Aninhação – Texto de Luiz Antonio Aguiar e ilustrações de Thaís Beltrame (Editora LÊ) – O autor transformou uma situação real em uma história delicada e humana – João conta a história do Seu Rolinha, homem gentil, que parecia entender a linguagem dos pássaros que alimentava diariamente. Ao se aposentar, a sua cadeira no condomínio ficou vazia. Os pássaros sentem a falta do amigo, e João entendeu a mensagem e resolveu assumir essa relação tão delicada. Sensibilidade, gentileza, amizade, beleza! As ilustrações de Thaís Beltrame reforçam os sentimentos da história. Lindo!

Gildo Está Fora do Ritmo – Texto e ilustrações de Silvana Rando (Brinque-Book) – Adoro o Gildo, o elefantinho mais humano das histórias infantis. Por causa de uma noite mal dormida e assustada, Gildo perde a hora da escola e nada dá certo. A cada passo, um tropeço, uma dificuldade e o pior, por causa da ansiedade, ele não consegue entrar no ritmo no ensaio da banda. Com calma, o professor Joel aconselha Gildo a encontrar seu próprio ritmo e tudo termina em música!

Guarda-chuva Amarelo – Autor das ilustrações Ryu Jae-soo; autor da melodia Shin Dong-il; pianista intérprete Han Bong-ye, nascidos na Coreia do Sul (Companhia das Letrinhas) – Livro de imagens que é uma pequena obra-prima. Representa crianças que caminham para a escola em um dia de chuva, com seus guarda-chuvas coloridos. Porém, mais do que isso, outra expressão artística sobressai. Para cada imagem, foi criada uma pequena sinfonia e olhar o livro ouvindo as músicas é delicioso! A obra foi eleita pelo *New York Times* como um dos melhores livros ilustrados. Ao focalizar o código (QR Code) disponível no livro com a câmara do celular, é liberado o acesso às músicas.





Haicais do chefe – Texto de Alexandre de Castro Gomes e ilustrações de Jean-Claude Alphen (Editora do Brasil) – Diversos coletivos de animais servem de base para a história. O autor aproveita para apresentar diferentes qualidades dos líderes, afinal, ser chefe não é fácil. Respeito, ética, idoneidade, bondade, igualdade de oportunidades... de um jeito bem divertido, os valores surgem para serem respeitados!

O Rei de Amaurotum – Flávia Côrtes retorna à nossa página com uma história de sensibilidade e amor (Editora do Brasil) – Em duas narrativas paralelas, mãe e filho apresentam a sua própria maneira de olhar o mundo e de ver um ao outro. Ele, Lucas, portador do Transtorno do Aspecto Autista (TEA), rei de Amaurotum, o mundo imaginário que criou para morar. Ela, Anabel, a mãe, que vive ansiosa por um olhar do filho e deseja conhecer mais sobre o mundo onde ele vive. Tive o privilégio de ler o original e me emocionei profundamente.

Semente de Urso – Texto e ilustrações de Fernando A. Pires (Compor) – Uma semente marrom, gordinha e peludinha – só pode ser –, uma semente de URSO! Ao plantar a semente esperando que nasçam ursos, o tempo se encarrega de criar outras histórias, outras vidas e (quem sabe?) até um urso pode aparecer!

JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

Cristina Judar

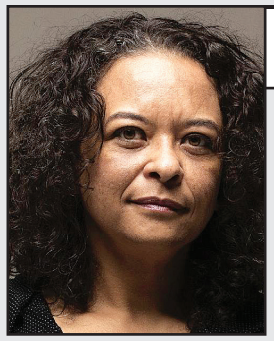
(São Paulo, 29 de maio de 1971) Escritora, roteirista e jornalista brasileira. Sua primeira publicação foi em 2009, com a HQ *Lina* (Editora Estação Liberdade). Em 2011, publicou sua segunda graphic novel, *Vermelho, Vivo* (Devir Brasil). Menção Honrosa no Prêmio SESC de Literatura 2014, seu livro de contos *Roteiros para uma Vida Curta* (Editora Reformatório) foi publicado em 2016. Em 2015, escreveu o projeto de prosa poética *Questions for a Live Writing*. É traduzida e publicada na Inglaterra, Estados Unidos, Egito, Países Baixos, Espanha, Alemanha, México, Líbano, Indonésia, País Basco e Nigéria. Seu romance *Oito do Sete* (Editora Reformatório), contemplado pelo ProAC de Prosa 2014, foi ganhador do Prêmio São Paulo de Literatura 2018. Em 2019, participou da Printemps Littéraire Brésilien / Primavera Literária Brasileira, com apresentações na Sorbonne Université, Fondation Calouste Gulbenkian, Universidade Paris 1 e Université Libre de Bruxelles. Em 2020, coorganizou a antologia *Pandemônio: Nove narrativas entre São Paulo – Berlim*. Seu segundo romance, *Elas Marchavam sob o Sol* (Dublinense), foi lançado em 2021. Cristina Judar foi um dos escritores brasileiros selecionados para a antologia *CUÍER – Calico Series*, publicada em 2021 pela editora estaduniense Two Lines Press. Outro projeto de natureza coletiva e internacional do qual participou chama-se *Lumbung: Contos de mutirão*, uma antologia de contos de ficção articulada pela megaexposição de arte contemporânea Documenta, publicada por editoras de sete países e lançada no Brasil, em 2022, pela Dublinense.

acervo JL

Elizabeth Strout

(Portland, 6 de janeiro de 1956) Romancista e autora americana. Ela é amplamente conhecida por seu trabalho de romances literários e representações de personagens. Nascida e criada em Portland, Maine, suas experiências de juventude inspiraram seus romances – o fictício "Shirley Falls, Maine" foi o cenário de quatro de seus sete romances. Ela obteve um diploma de Direito pela Universidade de Syracuse. Depois de ter se mudado para Nova Iorque, escreveu histórias para revistas como *Seventeen* e *Redbook*. A filha dos professores, foi criada tanto em Maine como em New Hampshire. Casou-se com o Procurador Geral do Maine James Tierney. O primeiro romance de Strout, *Amy e Isabelle*, foi aclamado pela crítica, tornando-se o romance mais vendido do país e adaptado para um filme estrelado por Elisabeth Shue. Seu segundo romance, *Abide with Me*, foi aclamado pela crítica, mas não foi tão bem reconhecido quanto seu primeiro romance. Dois anos depois, Strout escreveu e publicou *Olive Kitteridge*, um sucesso de crítica e comercial com quase US$ 25 milhões, com mais de um milhão de cópias vendidas em maio de 2017. O romance ganhou o Prêmio Pulitzer pelo gênero romance de 2009. O livro foi adaptado em uma minissérie vencedora de vários prêmios e se tornou o best-seller do *New York Times*.

acervo JL



Ana Maria Gonçalves

(Ibiá, 1970) Escritora brasileira. Começou a escrever contos e poemas desde a adolescência, sem chegar a publicar. A paixão pela leitura nasceu durante a infância, e desde criança lia jornais, revistas e livros. Trabalhou como publicitária em São Paulo, mas abandonou a profissão em 2002 para morar em Itaparica e escrever seu primeiro livro, *Ao Lado e à Margem do que Sentes por mim*. O romance foi lançado de forma independente em 2002. A autora trabalhou durante 5 anos para escrever seu segundo romance, *Um Defeito de Cor*, dos quais a autora utilizou dois anos para uma pesquisa rigorosa, um ano para escrita e mais dois anos para reescrita, sendo lançado em 2006, pela editora Record. A obra conquistou o Prêmio Casa de las Américas na categoria literatura brasileira, em 2007, sendo considerado por Millôr Fernandes o livro mais importante da literatura brasileira do século XXI. A obra, inspirada na vida de Luísa Mahin, celebrada heroína da Revolta dos Malês, conta a trajetória de uma menina nascida no Reino do Daomé e capturada como escrava aos 8 anos de idade, até a sua volta à terra natal como mulher livre. Em 2017, o livro já havia vendido cerca de 16 mil exemplares. Em dezembro de 2016, Ana Maria Gonçalves se tornou colunista de assuntos raciais, culturais e políticos do jornal *The Intercept Brasil*. Obras: 2002 – *Ao Lado e à Margem do que Sentes por mim;* 2006 – *Um Defeito de Cor.* Teatro: 2016 – *Tchau, Querida!*; 2017 – *Chão de Pequenos (Companhia Negra de Teatro)*.

História e ficção

Por Getúlio Marcos Pereira Neves*

Almeida Garret (1799/1854).

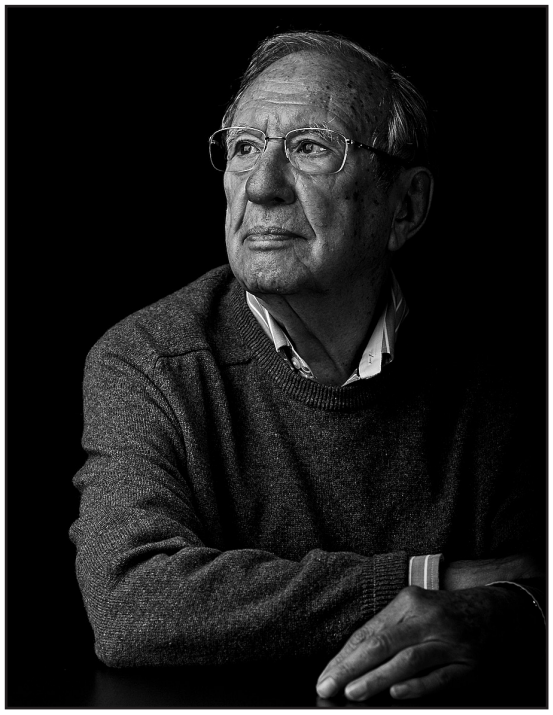
Como os limites entre ficção e História continuam a me ocupar, extraio do meu *Breves Notas Quase-literárias* (2017): "Anoto do excelente *O teatro de Camilo*, de Luiz Francisco Rebello (Lisboa: ICLP, 1991) que, estando Almeida Garret, por volta da década de 1830, empenhado na reforma do teatro em Portugal, procurava seguir de perto algumas das balizas fixadas por Victor Hugo no prefácio ao *Cromwell*. No entanto, segue o autor, nem todas as recomendações observava; por exemplo, o autor português não sacrificava à 'cor local' mais que as exigências do enquadramento histórico da ação o exigissem.

Assim é que, na *Memória ao Conservatório Real*, cuja leitura precedeu em 1843 a leitura do *Frei Luís de Sousa*, Garret insiste: 'Eu sacrifico às musas de Homero, não às de Heródoto; e quem sabe, enfim, em qual dos dois altares arde o fogo da melhor verdade! (...) Nem o drama, nem o romance, nem a epopeia são possíveis, se os quiserem fazer com a *Arte de Verificar as Datas* na mão.'

Abramos um parêntese na argumentação para, em defesa das musas de Heródoto, observar que à História cronológica sucederam outras maneiras de abordar o fato histórico. A prática analítica, a consideração da longa duração, a história do cotidiano, são abordagens que deram à ciência histórica outras formas de se acercar de seu objeto.

Ora, como toda ciência, também a histórica se ressente da necessidade de divulgação do objeto do seu labor. Felizmente, a aceitação do público é bastante satisfatória, e obras de divulgação de fatos e processos históricos são hoje em dia comuns, ostentando um maior ou menor grau de rigorismo no trato do material, conforme a intenção, a formação e o talento do autor.

Dito isto, voltemos ao ponto que nos ocupa, que é o do enquadramento histórico da ação ficcional. É justamente a intensidade desse ponto de contato, esse meio termo, essa imbricação, entre o que é fato e o que é ficção – em outras palavras, esse diálogo entre as musas de Homero e de Heródoto – que pode comprometer a obra de ficção (já que, de outro lado, no escrito de caráter histórico, o espaço é nenhum para o manejo da ficção). Garret, de sua parte, advertia, por essa época, que 'a verdade histórica propriamente, e a cronológica, essas as não quis, nem quer ninguém que saiba o que é teatro'.



Luiz Francisco Rebello (1924/2011).

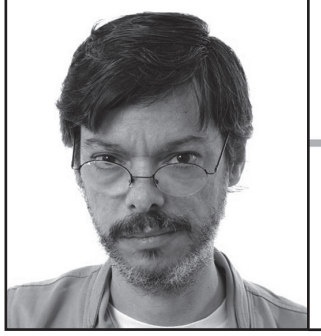
Se assim é, seria, no entanto, de cogitar: quais os limites para a 'licença poética' que permite deturpar o fato ou acontecimento histórico, ou o carácter de uma personagem histórica? Até que ponto a ficção pode – e deve – preencher as lacunas que até nós chegaram, no intuito de compor de maneira satisfatória a trama que o autor desenvolve?

É evidente que, na obra de caráter histórico, as ferramentas metodológicas próprias à ciência haverão de fornecer a forma de lidar com as dificuldades daí advindas. Não é, no entanto, o caso do autor de ficção que resolveu amarrar sua trama a acontecimentos verificáveis por meio de registros.

Para não referirmos, pela obviedade, o exemplo de Walter Scott, desenvolvedor do gênero narrativa histórica, fiquemos nessa seara com a figura proeminente de Alexandre Herculano de Carvalho Araújo, responsável, juntamente com Almeida Garrett, pela introdução da estética romântica na Literatura portuguesa."

---

*Getúlio Marcos Pereira Neves é membro do PEN Clube do Brasil.

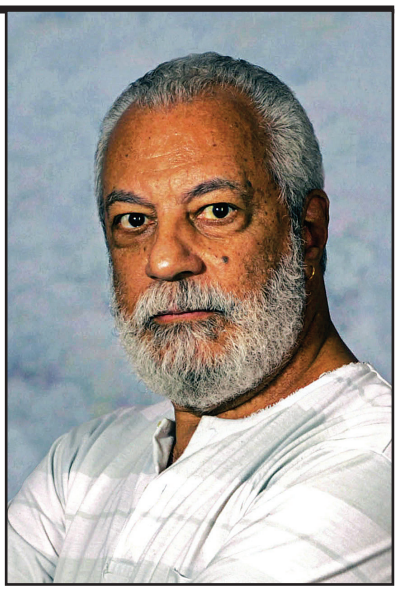


Desenharte

Por Zé Roberto

zrgrauna@hotmail.com

O caricaturista Nei Lima



Na presente edição, vamos falar um pouco sobre um artista que, nesses 19 anos de existência da coluna Desenharte, é o desenhista que mais contribuiu com nosso espaço: o genial caricaturista Nei Lima. Sempre que preciso de uma ilustração ou caricatura, o desenhista de humor doa gentilmente seu talento e colabora com esta coluna.

Sidney Lima, seu nome de batismo, nasceu na região do Grande Méier, no bairro Caxambi, Rio de Janeiro, no dia 14 de setembro de 1954. Sua trajetória no desenho teve início em 1977, quando ingressou no Senac para estudar com os consagrados Serpa Coutinho e Jorge Guidacci. Poucos anos após, nos anos 1980, iniciou sua fase profissional na Bloch Editores, atuando como arte-finalista nas revistas da empresa de Adolpho Bloch. Na mesma editora, chegou a publicar cartuns para a revista *Ele & Ela*, além dos quadrinhos do gibi *Os Trapalhões*, quando ainda assinava seus desenhos como Lima.

Em 1982, com uma bela caricatura do seringueiro e ativista Chico Mendes, foi agraciado com uma Menção Honrosa no 5º Salão Carioca de Humor, que era realizado na Sala de Cultura Laura Alvim. Seis anos após, chegou a publicar uma divertida sátira do Show da Xuxa, na revista *MAD*, nº 44, na fase da publicação na editora Record. Por 10 anos, entre 1987 a 1997, atuou como professor de desenho no Senac; depois, entre 2003 a 2009, continuou como educador nos cursos de artes visuais na Sociedade Pestalozzi do Rio de Janeiro, em Niterói.

O auge de seu trabalho se deu a partir de sua chegada ao grupo *O Dia*, em 2010, quando teve a oportunidade de publicar diariamente suas caricaturas nas páginas do diário carioca e também ilustrações para o tabloide popular *Meia Hora*.

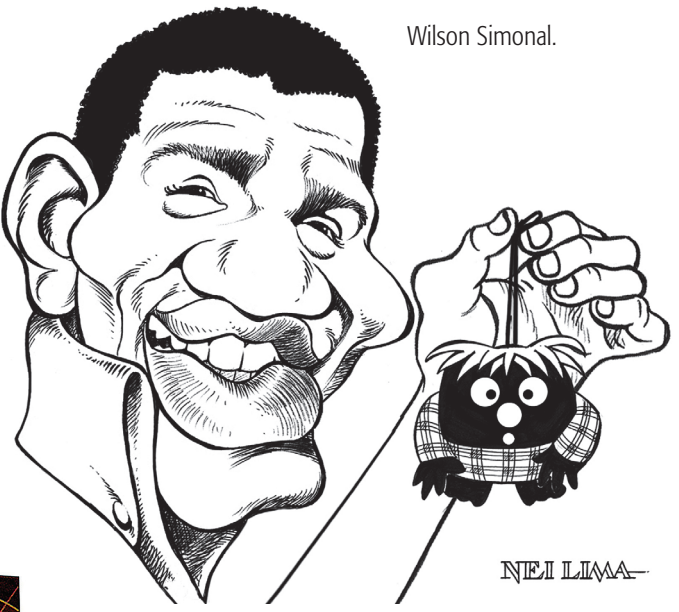
Nelson Mandela.

Atuante em diversos eventos culturais, Nei Lima marcou presença em duas importantes homenagens que resultaram em dois livros marcantes; em 2007, na obra *É Mentira, Chico?*, sob a curadoria do jornalista Rick Goodwin, foi um dos 45 desenhistas convidados, quando os cartunistas criaram caricaturas do humorista Chico Anysio; e em 2016, quando participou da publicação que comemorou o aniversário de 85 anos do apresentador Silvio Santos (*85 Vezes Silvio Santos*), da Editora Astral Cultural, curadoria do José Alberto Lovetro, o Jal. Recentemente, foi agraciado com uma Menção Honrosa no 16º Salão Internacional de Humor de Caratinga, com uma caricatura do saudoso cartunista Adail.

Para acompanhar a produção de Nei Lima na internet, o leitor do Jornal de Letras pode visitar o desenhista nas redes sociais, bastando buscar por nei.lima.7, no Facebook, ou @neilimarte, no Instagram.

Saúde e Arte!

Wilson Simonal.



Silvio Santos.

Miriam Leitão.

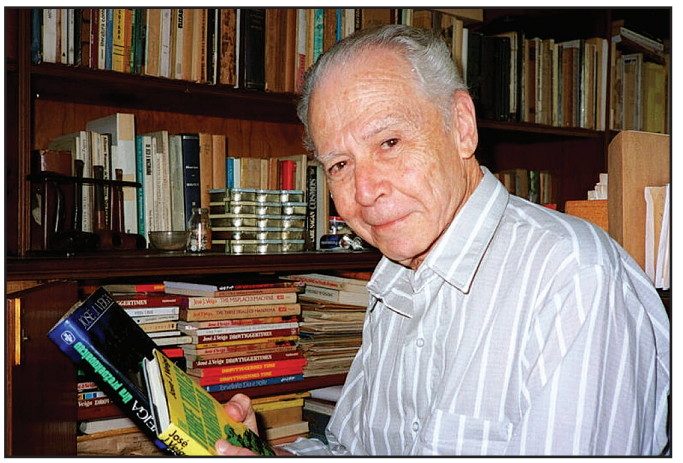
Marta.

Jô Soares.

Ao Veiga, com carinho. Memória e sentimento.

Por Francisco Aurelio Ribeiro*

"Toda a literatura é fantástica. Até o que se escreve sobre ela" (J.J.Veiga)


J.J. Veiga.

A partir dos anos 1960, ocorreu um *boom* dos escritores latino-americanos pelo mundo. Cortázar e Borges, Rulfo e Roa Bastos, Vargas Llosa e Garcia Márquez, dentre muitos outros, escreviam um tipo de literatura a que se chamou "realismo fantástico" ou "realismo mágico". E isso ocorreu, não por acaso, no momento em que vivíamos o período tenebroso das ditaduras militares em quase toda a América Latina. No Brasil, dois escritores se destacaram nesse tipo de literatura: o mineiro Murilo Rubião e o goiano José Jacinto Veiga, imortalizado literariamente por J.J.Veiga. Mesmo os escritores consagrados de nossa literatura, como Jorge Amado e Érico Veríssimo, fizeram obras nessa modalidade literária: *Incidente em Antares,* do escritor gaúcho, e *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água,* do baiano, foram muito lidos, viraram filme ou série televisiva. Vou destacar, aqui, a obra de José J. Veiga, que conheci nos anos 1970, quando era estudante universitário, e escolhi para tema de minha monografia de conclusão do curso de Letras, em 1976. Nos anos 1980, trabalhei alguns de seus livros com os alunos de graduação na Ufes, e por causa disso, mantive contato com ele, que morava na rua da Glória, no Rio, e o convidei a vir conversar com meus alunos. Um pouco dessa conversa está publicado na *Revista Contexto*, publicada pelo PPGL-Ufes, em 1992. Ele esteve aqui duas vezes, a meu convite, hospedou-se no antigo Hotel Hostess da Praia da Costa e, à noite, saímos para jantar e conversar. Ele era uma figura muito agradável, extremamente afetivo e ficamos muito próximos: eu, ele e minha esposa. Me lembro que, em nosso último encontro, ao deixá-lo no hotel, ele me disse: "Sabe aqueles bezerros desmamados que não querem deixar a mãe de jeito nenhum? Pois eu estou igualzinho. Queria só ficar com vocês." Veiga voltou para casa e trocávamos correspondência. Cada carta dele era uma delícia! Cinco anos depois, ele partiu para a eternidade, mas deixou uma obra imortal, que passo a comentar com vocês.

Na Wikipédia, o escritor é assim resumido: José Jacinto Veiga, conhecido como José J. Veiga (Corumbá de Goiás, 2 de fevereiro de 1915 – Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1999), foi um escritor brasileiro, considerado um dos maiores autores em língua portuguesa do realismo fantástico. A crítica política e social em seus livros é eivada de lirismo, mas não por isso menos incisiva. José J. Veiga tem origem rural, pois nasceu em 1915, na Fazenda Morro Grande, em Corumbá de Goiás. A região natal, o lugar da infância, deixou marcas indeléveis em sua obra. Estreou na literatura aos 45 anos de idade, com o livro ganhador do prêmio Fábio Prado em 1959, *Os Cavalinhos de Platiplanto*, contendo doze contos. O nome literário, José J. Veiga, foi adotado por sugestão de seu amigo Guimarães Rosa, após análise numerológica. Suas obras publicadas foram: *Os Cavalinhos de Platiplanto* (1959); *A Hora dos Ruminantes* (1966); *A Estranha Máquina Extraviada* (1967); *Sombras de Reis Barbudos* (1972); *Os Pecados da Tribo* (1976); *O Professor Burrim e as Quatro Calamidades* (1978); *De Jogos e Festas* (1980); *Aquele Mundo de Vasabarros* (1981); *Torvelinho Dia e Noite* (1985); *O Trono no Morro* (1988); *A Casca da Serpente* (1989); *Os Melhores Contos de J. J. Veiga* (1989); *O Almanach de Piumhy - Restaurado por José J. Veiga* (1989); *O Risonho Cavalo do Príncipe* (1993); *O Relógio Belizário* (1995); *Tajá e sua Gente* (1997); *Objetos Turbulentos* (1997);. *O Galo Impertinente* (1997). Teve seus livros publicados nos Estados Unidos, Inglaterra, México, Espanha, Dinamarca, Suécia, Noruega e Portugal. Ganhou, pelo conjunto da obra, o Prêmio Machado de Assis, outorgado pela Academia Brasileira de Letras, em 1997, dois anos antes de sua morte. Hoje, a rodovia GO-225, que liga Corumbá de Goiás a Pirenópolis, tem seu nome. Faleceu de câncer no pâncreas, em 31 de janeiro de 1999. Sua obra *A Hora dos Ruminantes* foi incluída, por um júri escolhido pelo jornal de Goiás, *O Popular*, na lista dos 20 livros mais importantes de Goiás no século XX, tornando-se assim obra canônica.

Para conhecer mais sobre a obra desse importante escritor, vale uma visita à biblioteca do Sesc Centro, em Goiânia. Ela abriga o Espaço José J. Veiga, inaugurado em 2007. São 1.772 volumes catalogados nesse acervo particular, o que demonstra a importância dada por Veiga à leitura. São títulos em português, inglês e espanhol que identificam uma trajetória de leitura que exerceu uma forte influência em sua obra. Junto aos livros, há dezenas de documentos que englobam originais de romances, contos, artigos para jornal, além de cartas recebidas. Entre as prateleiras dispostas no Espaço José J. Veiga, é possível encontrar cópias de seus textos adaptados para o cinema, o teatro e a televisão.

Em carta manuscrita do Veiga, enviada do Rio, em 01/11/1991, em três páginas, ele agradece o texto que lhe enviei (minha monografia de graduação) e disse que ela lhe seria muito útil todas as vezes que fosse chamado a falar sobre a sua obra, pois "a pessoa mais indicada para falar sobre uma criação literária não é nunca o autor". Depois, afirma: "Você é um leitor muito perigoso. Você lê nas entrelinhas e nas entrepalavras, e esmiúça tudo! Isso vem me provar que eu estava certo quando comecei a escrever para publicar já na idade madura, e com um princípio em mente: não brincar em serviço. Porque tem gente de olho, e você, é um desses. Leem tudo, minuciosamente. Até os nomes de personagens, 'pelamor' de Deus! Eu procurava nomes que não fossem batidos – José e Maria, Pedro e Ana etc. Me decidi por Doril e Diana. Vem você e me diz que não foram escolhidos por acaso. E me prova que não. Puxa, Francisco, a gente precisava conversar mais. Me perdoe, mas vendo você naquele restaurante à beira-mar, comendo nós três a torta capixaba (grau 10), bebendo cerveja e conversando com a Terezinha assuntos outros, eu não imaginava que estivesse diante de um leitor perigoso. Vou lhe confessar honestamente. Eu sabia que estava almoçando com o professor Francisco Aurelio; mas não sabia que almoçava com o leitor Francisco Aurelio. Me perdoe. Espero podermos conversar outras vezes, agora sabendo eu com quem estarei falando. Valeu, Francisco, e muito./ Gostei de saber que você gostou da música do Chico, que eu pensava que fosse recente até eu chegar aí. (Ele se refere à música *Todo Sentimento,* que ouvimos juntos no restaurante e que dizia ser a sua preferida). "Mas a fita que o Jorge tocou lá no restaurante era na voz de Elizete. Então não podia ser nova. Já ouviu *Tempo-Rei,* do Gil? Se não, procure ouvir, e aposto que vai gostar./Gostei de Vitória-Vila Velha e dos amigos que fiz aí, e já marquei: logo que puder, irei aí por conta própria para revê-los e conversar. Um abração do amigo (espero) e lembranças à Teca e às crianças, cujos nomes lamentavelmente não guardei. Veiga (José J.). P.S.: Claro que você pode publicar aquela palestrinha na revista da UFES. Veiga."

A monografia que lhe enviei, cujo título é "Proposição de leitura do elemento fantástico em *A Máquina Extraviada*, de José J. Veiga, como questionamento da realidade", defendida em 1976 para obter o título de Licenciado em Letras, Português/ Inglês, tem a seguinte estrutura, palavra-chave daqueles tempos, pois estavam em voga o Estruturalismo e a Análise Estrutural da Narrativa: Introdução. Desenvolvimento. Conceituação de Realismo Fantástico. Realismo Fantástico – Realismo Mágico. O Realismo Fantástico em José J. Veiga-Evolução: "O Diálogo da Relativa Grandeza." A estrutura da narrativa. As personagens infantis: função. Idade. Linguagem. Oposições; Ambiguidade. "A Máquina Extraviada." A estrutura da narrativa. A função do elemento fantástico; o absurdo na construção da narrativa. Povo do sertão x personagem-narrador: onisciência x ingenuidade. O deslocamento do objeto no foco-narrativo: Homem-Mundo. Comparação entre os dois contos: Semelhanças e Diferenças. Conclusão.

Meu propósito com aquele trabalho era fazer uma leitura comparativa de dois contos do Veiga do livro *A Máquina Extraviada*, procurando ler a narrativa fantástica como questionamento da sociedade tecnológica contemporânea e do absurdo da própria vida. Fiz uma revisão dos conceitos de fantástico então em voga e concluí ser a narrativa fantástica uma revelação reprimida do real. "O fantástico, mais que o real, é uma denúncia do real porque expressa a realidade através do absurdo." Não sei se ainda chegaria a essa conclusão, pois 45 anos se passaram e continuo sendo o "rapaz latino-americano sem dinheiro no bolso, sem amigos importantes e vindo do interior", trocando-se "rapaz" por "idoso" (Rs), muito mais experiente e menos sonhador. Talvez o que não tenha mudado também seja tão somente o desalento diante de um mundo em ruínas, a descrença na humanidade e a certeza de que "o homem é o lobo do próprio homem", na citação clássica de Plauto feita por Freud no ensaio *O Mal-estar da Cultura*, de 1930. Como, em minha análise, usei conceitos da psicanálise para definir fantástico, "uma maneira de contar o real que se estrutura como o fantasma" (Noël) e fantasma como "encenação imaginária em que se encontra o sujeito e que representa a realidade inconsciente de um desejo" (Laplanche), talvez, hoje, continuasse a recorrer à psicanálise para tentar explicar a literatura fantástica como manifestação do inconsciente reprimido ou até mesmo a Jung para buscar ali os arquétipos do inconsciente coletivo de uma humanização perdida ou sonhada. Isso não importa. A obra do Veiga fala por si e não precisa de intérpretes. O tempo é rei. Talvez, para ler a obra de Veiga, nos baste todo o sentimento, "Onde não diremos nada/ Nada aconteceu/ Apenas seguirei, como encantado/Ao lado teu", como versejou lindamente Chico Buarque.

Veiga começou a publicar em 1959, mas, seu primeiro livro, *Os Cavalinhos de Platiplanto*, só passou a ser realmente conhecido a partir da segunda edição, em 1970, dois anos após o lançamento de *A Máquina Extraviada*, seu segundo livro de contos. Observe-se que as datas, 1968 e 1970, coincidem com o recrudescimento da repressão política no Brasil, o AI-5 e o fim da liberdade, a censura e a repressão aos opositores do regime militar. Analisando o foco-narrativo dos contos dos livros supracitados, constatei que o narrador, "tendo perdido as certezas absolutas, recusa a onisciência e se limita à visão parcial de um personagem", característica predominante na narrativa fantástica do século XX, pós-Kafka, gerando ao relato uma atmosfera de ambiguidades e de incertezas, exatamente o que faz José J. Veiga. Carlos Rangel, em entrevista a José J. Veiga, à *Revista Escrita*, em 1975, destaca o caráter político de sua obra, em que "realidade e fantasia se mesclam num clima sufocante". E ainda: "O Brasil atravessava um momento bem difícil e não faltou quem interpretasse de uma maneira bem particular a invasão dos ruminantes (em *A Hora dos Ruminantes*, 1966). "Os cães e os bois não seriam apenas a fórmula possível para denunciar a violência dos homens contra os homens, dos regimes contra os homens?". Creio que é tempo de reler J.J.Veiga. Talvez, em sua obra, a gente consiga entender um pouco o absurdo da vida.

*Francisco Aurélio Ribeiro é membro da Academia Espírito-santense de Letras.

A literatura transforma o mundo

Por Roosevelt Colini*

O escritor é aquele estranho sujeito que, caminhando por um jardim perfumado, repara em um discreto cheiro de estrume. Ou que, em meio ao esgoto, percebe uma humilde flor que ali nasce. Livros são feitos sobre esses desencontros e perplexidades, sendo errado achar que as distopias são profecias, quando, na verdade, nos alertam. O desconforto é apenas maneira de dizer que o mundo poderia ser melhor, poderia ser justo, poderia ser compreendido. Sobre isso, Fernando Sabino foi magistral quando disse em *Um Encontro Marcado*, "...como se você procurasse atingir o bem negativamente, esgotando todos os caminhos do mal. É preciso ter pulso, é preciso ter estômago".

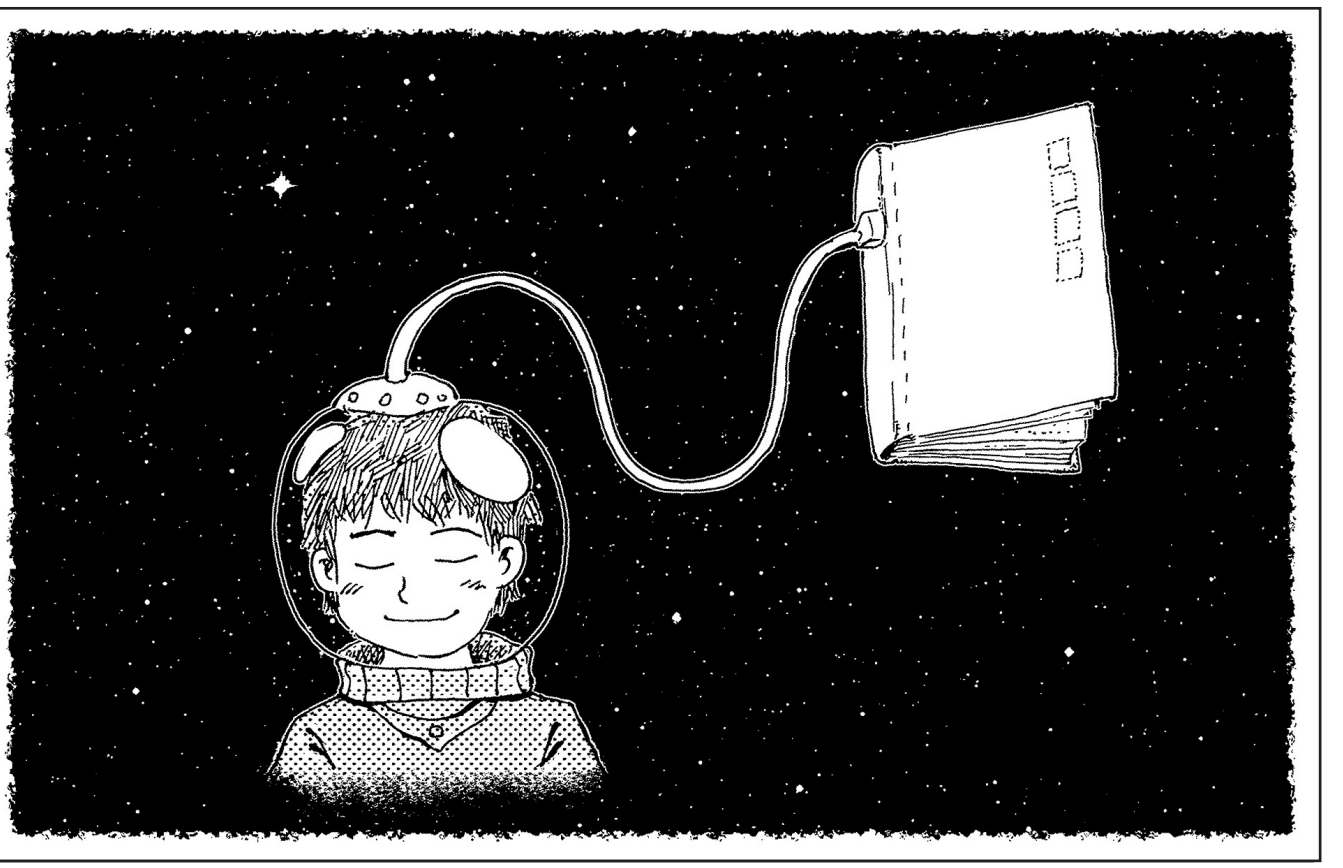
Não há nada no mundo que possa proporcionar maiores defesas intelectuais do que o livro. E não vamos aqui confundir essa palavra – intelectual – com vida acadêmica, mestrados, essas coisas. Defesa intelectual é tanto mais necessária quanto mais humilde for a pessoa. A capacidade de ler é aquela que mais revela o conhecimento do mundo e a possibilidade de transformá-lo.

Há um tempo, uma secretária de educação orientou uma atividade na qual os alunos teriam que responder à pergunta "Para que serve ler e escrever?" Os dirigentes queriam que os professores fizessem uma abordagem emotiva, que levassem os alunos a refletir sobre amizade, solidariedade e futuro, quando tudo isso está mais longe que Marte da realidade de muitos deles.

Uma amiga professora subverteu a atividade. Ela disse o seguinte aos alunos, que em sua maioria viviam em cortiços e invasões: "É importante ler e escrever para que ninguém possa enrolar vocês." É uma colocação linda em sua simplicidade; é ferramenta de defesa intelectual.

Com o Dia Nacional do Livro (29/10), faço uma homenagem às professoras e aos professores que utilizam a literatura como ferramenta de emancipação e resgato uma citação atemporal de Fernando Pessoa: "Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma."

*Roosevelt Colini é escritor, autor do livro *Curva do Rio*.



20 conselhos a um aprendiz de poeta

Por Peilton Sena*

1 – Não espere retorno. Já é uma grande bênção ser um semeador de boas palavras;

2 – Tenha muito cuidado ao utilizar a pena e mais ainda ao usar a fala. O que você escreve ou diz, revela muito sobre quem você é;

3 – Lembre-se que há diferentes tipos de solos onde as sementes da escrita podem cair: os férteis, os pedregosos e os cheios de espinhos;

4 – Use sempre a palavra para edificar e evoluir;

5 – Nem todos vão compreender o que você diz ou escreve. Tenha paciência, pois cada um está em seu grau de evolução;

6 – Que as suas palavras sejam um olhar para o passado, um apoio no presente e um caminho para o futuro. Sempre pontes, nunca muros;

7 – Tenha sempre em mente a sua responsabilidade pelo que escreve ou fala. Em algum lugar do Universo você será cobrado por suas palavras ou pelo silêncio delas;

8 – Não seja leviano com as palavras nem use da escrita para fazer sangrar um coração ou entristecer uma alma;

9 – Perdoe aqueles que não são receptivos ao que você escreve. Estão no direito deles;

10 – Que em seus versos muitos encontrem abrigo, conforto e um pouco de sabedoria;

11 – Palavras também são alimentos e, no mundo, há muita gente com fome de carinho e de afeto. Nunca negue a ninguém o pão de uma palavra amiga;

12 – Não tenha vergonha de escrever sobre o AMOR e muito menos falar sobre ele;

13 – Seja honesto com a sua consciência. No final, será entre você e o Poeta Maior;

14 – Não esqueça que palavras bonitas enfeitam a fala, mas não produzem efeitos se forem da boca para fora;

15 – Saiba a diferença entre ser responsável por aquilo que você escreve e por aquilo que os outros entendem;

16 - O mundo se fez pelo verbo. Nunca duvide do PODER DAS PALAVRAS;

17 – Imprima em seus poemas a verdade do seu coração e a beleza de sua alma, e certamente eles serão lembrados por muito tempo depois do seu retorno à eternidade;

18 – Não seja prisioneiro das palavras. Escrever é dar voz ao que grita por dentro; é abrir as algemas dos próprios pensamentos;

19 – Palavras fundamentadas na Verdade o vento não leva; a terra não cobre e o tempo não apaga;

20 – Você é ao mesmo tempo o jardim e o jardineiro. Faça florir o seu talento: escolha com sabedoria as sementes, adube bem a sua terra e cuide com carinho de suas flores.

*Peilton Sena é membro da Academia Santista de Letras e da ALAPG – Academia de Letras e Artes de Praia Grande/SP.

CHEGOU A HORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br

CNC | Federações | Sindicatos | Sesc | Senac / Trabalho a favor do Brasil.

Confidências do licaniense

Por Vera Lúcia de Oliveira Jesus*

Clauder Arcanjo não guardou escultura do velho santeiro Alfredo Durval nem pedra de ferro como Drummond em *Confidência do Itabirano*, famoso poema autobiográfico. Mas guardou a fotografia na parede da Matriz de Licânia, sua cidade, e mais prendas que traz para o leitor. São reminiscências guardadas no coração, na memória do menino, na pele, na sola do sapato – tema do seu mais recente livro *Confidências Literárias* (Mossoró: Sarau das Letras, 2022), em belíssima edição de encher os olhos do leitor mais exigente. Essas lembranças são parte indissolúvel do seu eu de poeta, do menino que se banhava nas águas do Acaraú, rio mítico de sua infância, rio de sua aldeia, como lemos nessas histórias dialogadas com os poetas de sua admiração em confidências, que são muitas. E como doem!

Para desvelar essas lembranças, Clauder Arcanjo buscou inspiração na poesia dos autores com quem se identifica e fez dois times de craques: 10 mulheres e 12 homens. As mulheres são poetisas que encantam o autor, às quais faz referências como se fossem velhas amigas. Os homens, garbosos cavalheiros, e um cavaleiro – o Quixote –, irmãos de alma, a quem o autor rende homenagens e agradecimento.

Com esses 22 eleitos, personagens com quem dialoga, Clauder entoa um grande lamento, revela o que há de mais recôndito em sua alma e faz suas confidências. A Drummond, diz:

"De Licânia, carrego um segredo perdido na mente recôndita, um sussurro de criança abandonada com medo da morte trigueira, um arroto de sete faces, um peixe a marcar de brilho a superfície do Rio das Garças. Um esqueleto de soneto na placidez do mar imaginado." (Pág. 101).

A poesia de Drummond cala fundo no poeta Clauder, leva-o para o mistério do seu "(des)mundo", com a dor da saudade que carrega no peito. Saudade do pai, o "Zequinha manso, Zequinha bom", que viajou para junto de Deus. O pai é presença viva no livro: "Agora, toda pluma a cruzar o céu é um aviso de fé no eterno filho de Ana e Antônio Lourenço. Bênção, meu pai!". (Pág. 104).

A Hilda Hilst, diz:

"Tens muito de mim, Hilda. Carrego uma tristeza que banha com meu pranto as flores que conduzo por entre a melancolia do mundo. Penso (melhor, suponho) que há em todo Poeta um quê de florista. A cuidar do mundo, a regar os jardins suspensos, a ofertar seu canto, até quando o mundo faz troça dessa falta de siso. (Pág. 33).

Nessas páginas de verdadeira inspiração, a emoção de Clauder está à flor da pele. Dialoga com a grande poetisa, "uma confidente ideal", "Filha adotiva de uma deusa feroz e encantada." (Pág. 37).

Confidencia a Gullar que anda a escrevinhar os mitos possíveis de sua gente para perpetuá-la. Mas chega o desânimo, pois instalou-se dentro do homem "o gume do medo, a foice da mentira" (...); e, nesse quase desespero, diz numa paráfrase:

Suspeito, Gullar, que até a aurora não cabe no poema; a alvorada anda desenxabida, maculada pelos crimes dos homens. Não cabe no poema o preço que se paga para subir na vida.

A lida fede a esgoto, e os ratos do trono não abdicam.

(...)

A maior parte de mim (não caberia julgar se a melhor) é só remorso; pelo verbo não propalado, pelo vômito não exposto, pela fúria contida. (Pág. 59).

Esse é um dos momentos em que o *páthos* domina o texto, quando Clauder expõe o seu eu mais íntimo, o seu desassossego, o seu mal-estar existencial, o seu desgosto, a sua desesperança. E fala, com Pessoa, dos entes queridos que hoje são somente saudade: "Nesta manhã distante dos meus, descubro um porto com navios silentes em águas calmas." (Pág. 64). E identifica-se com a loucura, solta o louco que estava preso dentro de si. E faz do Acaraú o Tejo de Licânia, que para ele vale mais que todos os oceanos. Pessoa traz a saudade portuguesa.

Mas nem tudo é pessimismo ou tristeza. Como num caleidoscópio, ou nas suas sete faces drummondianas, Clauder nos fala também de doçura e doces. Com a poetisa dos becos de Goiás, Cora Coralina, de poesia simples, telúrica, Claude compartilha a lição de humildade, do menino tímido a quem o mudo assustou; com Cecília, falou de liberdade, de luta, em momento épico. De Adélia, vem o orgulho das raízes interioranas: "Minhas raízes são (pro)fundas: o melhor de mim é semente colhida no meu longe, antes da vida." (Pág. 95), diz o licaniense: "bendito filho da província", esta que fez brotar o "mandacaru-poeta".

Não poderiam faltar os diálogos com o lírico Quintana, poeta dos pampas, com a leveza de um menino, e Manoel de Barros, das coisas miúdas, "poeta percorrido de poessências" do mítico Pantanal, que desexplica todas as coisas. Momentos de pureza da infância.

Assim, Clauder Arcanjo tece o seu livro: momentos dramáticos alternados com momentos líricos; confissões e diálogos com homens e mulheres ternos ou desesperançados, como o grande Bandeira, ou cheios de esperança nos versos de Helena Kolody e de amor em Vinícius de Moraes. E com muitos outros poetas e poetisas que o encantaram e com quem dialogou, afinou sua lira e forjou o seu canto – sem medo de olhar para trás, correndo todos os riscos, como Orfeu.

---

*Vera Lúcia de Oliveira Jesus é da Academia de Letras do Brasil.

Igreja Matriz de Nossa Senhora de Santana: Santana do Acaraú, CE – (19--). Pela lei estadual nº 1153, de 22/11/1951, o município de Licânia passou a denominar-se Santana do Acaraú.

Aniversário do Gonzaguinha

Por Gabriel Chalita*

Eu sei que ele morreu e morreu jovem. Sou um homem que sabe das coisas, só não sei como as coisas chegaram onde chegaram.

Gonzaguinha, que nasceu no dia em que nasce a primavera, escreveu o amor e a liberdade como convicção de vencer as ditaduras e de resistir: "Nunca se entregue, nasça sempre com as manhãs."

A primavera desmente as mortes dos invernos. A da estação e a da alma. "Toda pessoa é sempre as marcas de outras tantas pessoas."

Pessoas do meu tempo andam marcando com dor outras pessoas. Eu, que sou vendedor de pastel em uma das tantas feiras da grande cidade, vi uma mulher, candidata a um cargo importante, gravando um vídeo com um falso sorriso de alegria e jogando no lixo o pastel que não comeu. E vi uma outra mulher, remexendo o lixo para espantar a fome.

Ouvi no rádio, da minha barraca, a história de um presidente que, mais uma vez, desrespeitou uma mulher. Eu não tive estudo, mas estudo os comportamentos dos outros. E não acho certo o machismo, nem a covardia, nem o desrespeito.

Vi no celular a cena triste da imagem de um homem, se autoproclamando distribuidor de bondades, humilhando uma mulher ao entregar para ela uma marmita. Não acho certo. A bondade é livre, é pura, é bonita. "Eu fico com a pureza da resposta das crianças, é a vida, é bonita e é bonita."

Não gosto de armas. Armas ferem e matam. Gosto de escolas. Escolas cultivam bonitezas. Ainda sonho em estudar. Parei nos inícios, vida dura que tive. Onde moro, muitos jovens morrem sem deixar de ser jovens. Basta andar pelo cemitério. Gosto de ver as placas com as despedidas. É triste quando a data de falecimento é tão próxima à data de nascimento. Vidas desperdiçadas. Não, não gosto de armas, nem de brigas, nem de ódios.

Desperto o dia, na minha casa de um único cômodo, e renovo a decisão que aprendi de minha avó, analfabeta, que me ensinou que ninguém deve causar mal em ninguém.

Fazer pastel é uma inspiração. Sorrio cada sorriso de quem come e sente a gostosura do que preparei. É bom alimentar. Quando vejo quem não tem, tento ajudar. Se tivesse mais, ajudaria mais. A vida passa tão rapidamente que fazer alguém feliz é colocar dentro da gente uma boa porção de felicidade. "E o brilho das pessoas é bem maior, irá iluminar nossas manhãs."

No aniversário do Gonzaguinha, quero aniversariar a decisão inegociável de não jogar fora a esperança, de não cultivar nenhum preconceito, de desalojar a mentira e as arrogâncias, de celebrar um tempo de bondade que está sempre pronto para nascer.

Semana que vem, é dia de eleição. Quando perguntam na feira, enquanto saboreiam o pastel, sobre em quem votar, eu faço como a minha avó, falo de mansinho para nunca machucar. Mas votar em quem machuca, jamais. Votar em quem tripudia sobre a dor do outro, jamais. Votar em quem não demonstra sentimentos de compaixão, isso não.

Sei que há os que acreditam que a mentira tem poder de convencimento. Pode ter. Não em mim. Eu desacredito do que não me provam. Eu provo o amor como a luz que me explica onde devo ir e como devo me portar.

Ainda vou estudar para saber mais coisas. O que sei, da escola da vida, é que a vida é o que tenho, é o que defendo. Se um dia eu conseguir, serei professor, acho que, de todas, é a profissão mais bonita. Ensinar. Ajudar os medos a irem embora, um a um. Ajudar a tirar dos ombros os pesos que não são nossos.

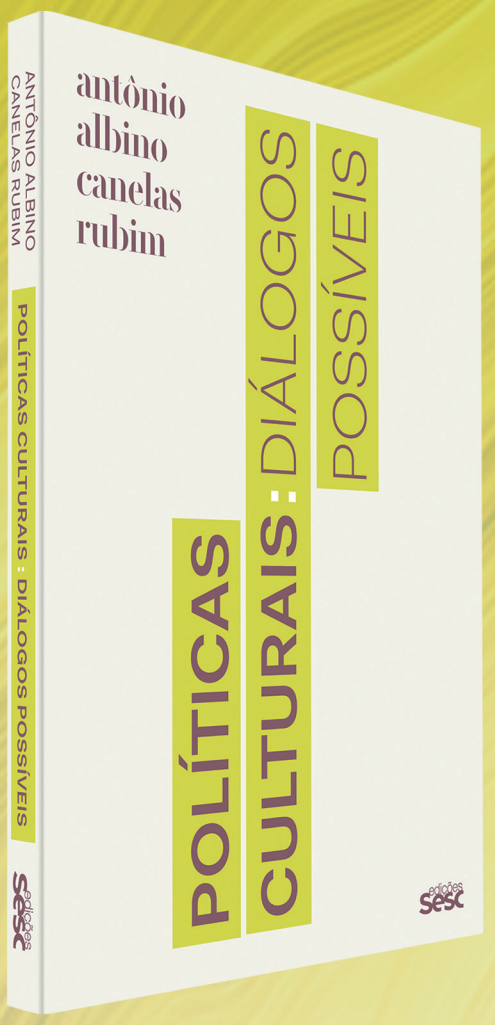
Gosto dos livros. Leio devagar, mas leio. Gosto de anotar as palavras que não conheço e de ficar repetindo. E, vez em quando, canto também. Enquanto frito os pastéis. Enquanto sonho com um mundo sem as hipocrisias nem as injustiças.

Sobre a mulher que estava no lixo buscando o que comer, eu preparei um pastel bem gostoso. E, sobre a outra, a candidata, deixa pra lá, porque eu sei "que a vida podia ser bem melhor", e "se depender de mim, "será".

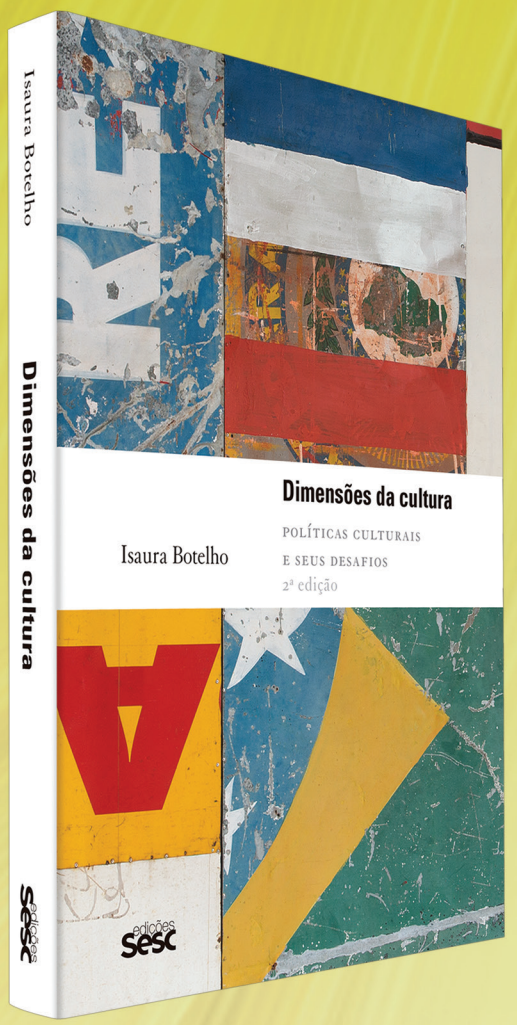
Feliz aniversário, Gonzaguinha.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

GESTÃO CULTURAL
LANÇAMENTOS

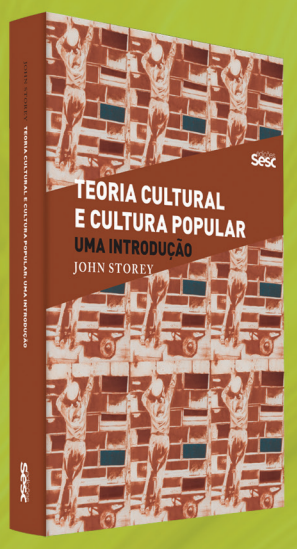


POLÍTICAS CULTURAIS
Diálogos possíveis
Antônio Albino Canelas Rubim
Textos analisam as questões relativas à organização institucional do campo cultural, com destaque para o sistema e o plano nacionais de cultura; as relações entre cultura e desenvolvimento; os aspectos socioeconômicos da cultura; e as políticas específicas para as artes.

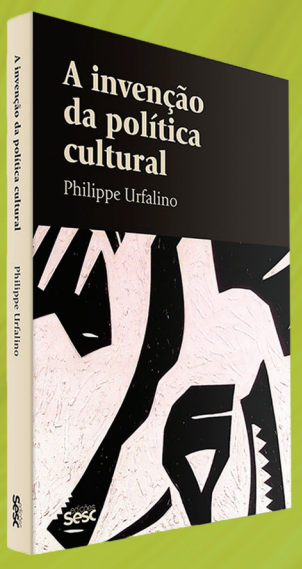


DIMENSÕES DA CULTURA
Políticas culturais e seus desafios | 2ª ed.
Isaura Botelho
Cobrindo todos os aspectos da gestão cultural e em edição revista e ampliada, livro discute os efeitos da pandemia de covid-19 nos agentes culturais brasileiros, comenta a Lei Aldir Blanc e atualiza os mapas sobre os órgãos gestores, conselhos e equipamentos culturais no Brasil.

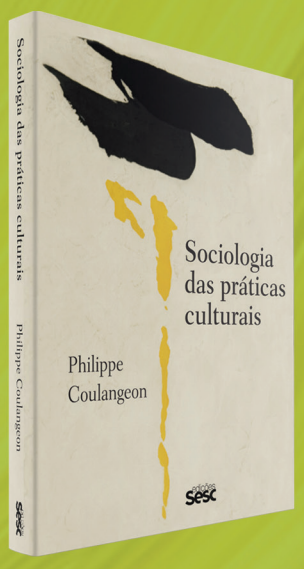
VEJA TAMBÉM



TEORIA CULTURAL E CULTURA POPULAR
Uma introdução
John Storey



A INVENÇÃO DA POLÍTICA CULTURAL
Philippe Urfalino



SOCIOLOGIA DAS PRÁTICAS CULTURAIS
Philippe Coulangeon

PLANEJAMENTO E AVALIAÇÃO DE PROJETOS CULTURAIS
Da ideia à ação
David Rosselló Cerezuela

sescsp.org.br/edicoes

/edicoessescsp

edições Sesc